

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

ABIGAIL MARINHO DA SILVA

**DESTERRITORIALIZAÇÕES DO/NO TRABALHO:
UMA NARRATIVA DE UMA TRABALHADORA EM DEVIR**

VITÓRIA

2019

ABIGAIL MARINHO DA SILVA

**DESTERRITORIALIZAÇÕES DO/NO TRABALHO: UMA NARRATIVA DE UMA
TRABALHADORA EM DEVIR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Gilead Marchezi Tavares

VITÓRIA

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S586d Silva, Abigail Marinho da, 1994-
Desterritorializações do/no trabalho : Uma narrativa de uma trabalhadora em devir / Abigail Marinho da Silva. - 2019. 85 f.

Orientadora: Gilead Marchezi Tavares.
Coorientador: Rafael da Silveira Gomes.
Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Ética. 2. Trabalho. 3. Análise Institucional. 4. Micropolítica. 5. Ergologia. I. Tavares, Gilead Marchezi. II. Gomes, Rafael da Silveira. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 159.9

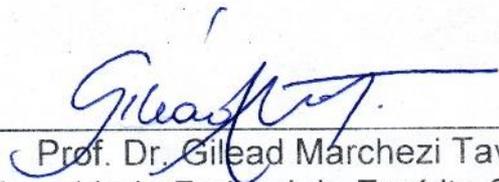
ABIGAIL MARINHO DA SILVA

**DESTERRITORIALIZAÇÕES DO/NO TRABALHO: UMA
NARRATIVA DE UM DEVIR-TRABALHADORA**

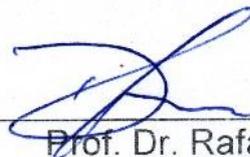
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovada em 21 de junho de 2019.

Comissão Examinadora



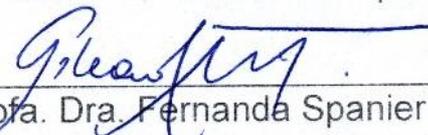
Prof. Dr. Gilvane Marchezi Tava
Universidade Federal do Espírito Sa



Prof. Dr. Rafael da Silveira Gon
Universidade Federal do Espírito Sa



Profa. Dra. Maria Elizabeth Barros de Bar
Universidade Federal do Espírito Sa



Prof. Dra. Fernanda Spanier Ama
Universidade Federal do Rio Grande do

AGRADECIMENTOS

Gostaria de informar que esta é a primeira seção a ser escrita desta dissertação. O senso de gratidão faz-me sentir florida, trilhando um caminho de sucesso. É como se tudo o que vivi até então, tenha acontecido para que eu chegasse aqui: grata. Deleuze diz que existimos para isso: para que acontecimentos aconteçam em nós (a lógica do sentido). Logo, aqui estou para agradecer por cada acontecimento – sendo ele o conceito de Deleuze ou sendo os estados de coisas (pessoas, objetos, etc), que não levianamente aqui descreverei.

Deus é Deus. Um Ser que é difícil de se explicar, mas que é sentido nas relações que cultivei e que tive a grande felicidade de partilhar um pedaço da minha história, que de certa forma compõe esta pesquisa. A minha gratidão a Deus reside na oportunidade ao ter me criado. Creio nEle como meu Criador e minha gratidão a ele é a de ter compartilhado a existência comigo; ter compartilhado a experiência de existir e sentir. Sem isso nenhum acontecimento aconteceria em mim. Gratidão, Deus.

Outro que participa das minhas origens e que merece um espaço privilegiado nesse momento é o meu pai, Salvador. É com lágrimas, carregadas de amor e de gratidão, que escrevo esse trecho. Meu pai é um homem de 60 anos, mas acredita piamente ter 18. Um homem com variadas doenças cardíacas crônicas, mas que insiste em achar que este é apenas um probleminha biológico como outro qualquer. Eu, por outro lado, estou sempre assustada com as doenças dele e sempre acreditando que ele pode morrer a qualquer momento se não seguir a dieta e não tomar os 8 comprimidos diários no horário correto. Ele me criou desde os seis anos de idade, sozinho. Separou-se da minha mãe, que foi morar em outro estado – ela voltou e já está tudo bem. Não foi opção dela ter ido e me deixado com ele, mas ele bateu o pé para que eu ficasse, e ela, com muita dificuldade, cedeu. Esse homem, Salvador, que merece um parágrafo ininterrupto nesta seção, passou por bons bocados comigo: já moramos num depósito de frutas na nossa garagem, pois nossa casa estava alugada para pagar as dívidas que ele e minha mãe produziram; quando menstruei, ele não sabia o que fazer e encontrou solução indo na casa de uma amiga minha para pedir que ela o ajudasse; íamos andando para todos os lugares, pois assim economizávamos o dinheiro da passagem apenas para distâncias muito longas, e era nessas caminhadas que contávamos muitas histórias e piadas um para o outro. Não posso dizer da perspectiva dele o que foi ser pai de uma menina sob um contexto nada favorável financeiramente, mas posso aqui dizer como é ser filha dele: é de um orgulho tremendo. Com ele aprendi a sorrir para a vida mesmo nos piores momentos;

vem dele a vontade de ter um ambiente alegre, produzindo um contexto de alguma forma favorável. Meu pai me ensinou que a educação é importante sempre, e me falou para nunca desistir dela. Foi ele quem me incentivou a ingressar nessa aventura “mestrado” e disse que me patrocinaria até eu acabar – cada xerox, cada almoço na ufes, cada passagem, cada pão de queijo comprado, vieram dele. E ele não é rico não! É um senhor aposentado, mas que ainda inventa trabalho para pagar as contas de nossa família – hoje ele é casado com Maria, minha madrasta. Houve momentos em que eu quis desistir. E ele me acudiu e me mostrou a mulher que eu estava me tornando e que não poderia perder esse caminho. Houve outros momentos que ele quis desistir: quando a grana apertava e ainda faltavam outros 12 meses para eu terminar minha “aventura”. Então eu o acudia e dizia que a gente conseguiria com o que tínhamos e que Deus ia nos ajudar a viver com pouco que ficava no mês. Nunca faltou. Nada nos faltou. E foi pela garra, força e amor desse homem que posso aqui agradecer por um mestrado que se encerra e é por esse amor lindo que recebo dele todos os dias que travei outros longos caminhos onde a educação me forja melhor, como ele defende que seja minha vida. Pai, muito obrigada.

Ainda nas origens, agradeço à minha mãe, Rosemeria. Como disse anteriormente, ela e meu pai se separaram quando eu ainda era criança e enfrentaram anos de muita luta devido às dívidas e outras reverberações trazidas pelo divórcio. Foi depois de adulta que descobri as razões de meu pai ter vencido o embate de quem ficaria comigo. Minha mãe vem de uma família na qual a violência atravessou a todos: o pai dela, meu avô, agredia minha avó e seus filhos fisicamente e psicologicamente. Minha mãe era uma das caçulas da família, logo, a violência que ela sofria era a de assistir a tudo isso e não se conformar. Contudo, seus irmãos reagiam com rebeldia como forma de enfrentamento das agressões de meu avô: fugiam de casa e casavam-se com chefes de tráfico. O casamento com meu pai foi um escape para minha mãe, que na época ainda possuía tenros 18 anos de idade (e meu pai 35 anos). Quando ocorreu o divórcio, após 7 anos de casamento, a maior preocupação de minha mãe foi a de voltar para o ambiente de violência do qual tanto lutou para sair e fundar uma família baseada na troca e na agonística. Minha mãe sabia, e via, as sequelas da violência nos seus irmãos: ainda se envolviam com tráfico, alcoolismo e reproduziam a violência psicológica em seus filhos. Ela não queria me ver nesse ambiente; minha mãe sabia que o lar que meu pai desenvolveria para mim seria um lar de carinho, de afeto, de troca, de discussão potente, de apoio... tudo aquilo que a motivou se casar com ele e formar uma família na qual a violência não mais vigorasse. Descobri que Rosimeria é uma mãe que se absteve de exercitar a

maternidade mais perto de sua filha para que esta pudesse crescer e se desenvolver numa ambiência que permitisse mais oportunidades de vida, pois ela sabia que a violência era, como até hoje é, aquilo que nos afasta da educação e do amor. Violência para ela nunca foi o tráfico ou o consumo de drogas em si, mas as agressões que avassalam um ser humano cortando as suas asas para a produção de uma comunidade que aceita a diversidade e a troca de experiências. Minha mãe se ausentou de estar comigo para que eu pudesse chegar a lugares que ela nunca pôde chegar e experimentar vivências que ela sempre quis para ela, mas teve suas asas cortadas pela violência doméstica em sua família. Minha mãe me protegeu para que eu chegasse até aqui; sua abstenção me permitiu vislumbrar a educação como exercício de liberdade. Mãe, quero te agradecer por indiretamente me ensinar sobre ética, sobre amor, sobre carinho, sobre cidadania, sobre alteridade, sobre respeito, sobre educação. Só uma mãe pode entender o sacrifício que você fez por mim; te dedico esta dissertação e toda a minha vida. Te amo, muito obrigada.

Saindo das minhas origens e partindo para os aliados íntimos dessa dissertação, me encontro com Júlia nesse meu mergulho na gratidão. Sonhamos juntas esse mestrado, estudamos juntas, escolhemos a orientadora juntas, colamos grau juntas –nossa colação foi terrível, mas a presença dela tornou o momento menos pior do que poderia ter sido. Júlia é uma mulher de cabelos cacheados, e muitos nos interrogam se somos irmãs. Já nos confundiram até como irmãs gêmeas. Absurdo isso! Mas nosso coração é gêmeo. Júlia se tornou uma grande aliada. Essa dissertação com certeza não teria sido feita sem a aliança com essa amiga tão amada que Deus colocou em meu caminho. Nossas vidas se cruzaram e desse cruzamento saíram muitas análises acerca do amor, da vida, da existência, da vida acadêmica, dos sonhos, da formação em psicologia, das redes que compomos...etc. Rafael me pergunta “para quem você escreve? Você deve sempre eleger um leitor”. Sempre que escrevo, escrevo imaginando a Júlia lendo e me dando dicas do que mudar ou então coadunando com minhas ideias. Obrigada, Júlia, por ser até hoje a leitora dos meus textos, o colo dos meus surtos, a força quando penso em desistir e a expressão do amor através da nossa amizade.

Ainda nos aliados íntimos, tenho Tássila. Amigas há 13 anos, passamos por uns bons bocados nessa vida. Meu agradecimento à Tássila é por termos todos esses anos experimentado variadas versões de nós, e se tem alguém que pode falar das minhas mudanças e trajetórias, esse alguém é ela. Ela viu o caos que foram esses dois anos de mestrado e me acudiu em muitos momentos, me dando tapas de luva com seus conselhos e apoios. Deu-me colo e também o chão do seu quarto sempre que precisei. Com Tássila aprendi a ser

determinada e a não entregar ao acaso o curso da minha vida. Aprendi também a depender da minha rede de apoio de maneira mais sábia e menos indefesa e vitimada. A Tássila é potência de vida purinha. Acho que Spinoza tirou dela esse conceito. Sempre que pôde, ela compartilhou essa potência comigo; com ela só tive bons encontros; somente afecções alegres. Tássila me faz sentir capaz e exigir sempre o melhor de mim. A ela devo (mesmo pagando essa dívida todos os dias) minha lealdade, honestidade e meu amor. A gente tem um amor de gato: é livre, sai de casa, mas sempre volta; não é grude e nem carente, mesmo eu sendo uma pessoa muito melosa. À Tássila agradeço a parceria de vida; com a certeza de que o apoio dela nesse percurso de mestrado foi fundamental para a produção desta dissertação. Obrigada, amiga.

Ursulla e Caroline são pessoas que me surpreenderam quando as encontrei: elas são mulheres que lutam pelos seus direitos e têm Deus como a existência primeira; são mulheres que não se desmoronam em qualquer obstáculo, mas antes de tudo, assumem as mulheres guerreiras que são e encaram os desafios produzidos pela caminhada que cada uma tem criado para si. Essa força, essa garra e essa coragem me alimentaram no final do percurso do mestrado e de modo bastante direto, elas têm me ajudado a ser melhor a cada dia. Nossa amizade é muito marcada pela luta contra o machismo, pela luta contra nosso ego, pela constante análise de nossas práticas e pelo amor por Jesus. Obrigada, Carol e Ursa por comporem este trabalho.

Camila e Rebeca são as amigas que a graduação me presenteou. Nós nos denominamos de CEMUNI V. Este é um prédio na UFES que costumávamos frequentar para um fim muito específico: ir ao banheiro. Era o único mais próximo do prédio da psicologia que possuía papel higiênico; todo estudante da UFES (não os do Centro Tecnológico, no qual a verba é sempre bem direcionada) sabe que quando acaba o papel higiênico leva-se dias para repor – ônus de ser uma estudante de universidade pública em tempos de sucateamento da educação pública nacional. Enfim, somos um trio, um tripé, com muitas histórias universitárias compartilhadas. Não tenho sequer uma história, no tocante à graduação em psicologia, em que essas duas não estejam no enredo. Ao fim do curso, seguimos carreiras muito, mas muito, discrepantes, mas até hoje somos colo umas das outras. Uma tinha o sonho de se casar; a outra tinha o sonho de exercer sua profissão e construir uma vida com a psicologia; e eu tinha o sonho de ser professora. Todas já realizamos os nossos sonhos e o que é mais incrível: ainda sonhamos caminhos muito diferentes, porém, ainda assim, eles se cruzam e nos fazem encontrar ainda mais companheirismo nessa amizade de tripé. Elas não

conhecem nada de Deleuze, Esquizoanálise e Análise Institucional, mas sempre me apoiaram e me ouviram quando eu precisava compartilhar meus insights. Elas são amigas incríveis e posso dizer com muita propriedade histórica, baseada em nossas experiências juntas, que sem elas eu jamais chegaria até aqui. Elas foram fundamentais para que eu sobrevivesse à UFES. Muito obrigada, amigas-CEMUNI V.

Ainda falando dos amigos, quero agradecer a um grupo de amigos muito especial: Link. Faço parte deste grupo há um ano, e eles me conheceram como Abigail-mestranda-louca-para-acabar-a-dissertação. Eles me acolheram, me ampararam, me fortaleceram e me motivaram a não desistir e continuar sempre em frente. Somos amigos ligados pelo amor a Jesus e foi com esse amor que eles me protegeram para chegar viva até aqui. Digo viva, porque muitos mestrandos perdem o convívio social para trabalharem com os dados da pesquisa e produzirem uma dissertação “digna” do título de mestre. E o Link não me deixou sucumbir no que diz respeito à convivência social: eles me animavam para sairmos, comermos juntos, fazermos festas... a convivência foi essencial para manter a vida ativa e exercitando aquilo que eu defendo nesta dissertação – a ética. Muito obrigada Link por me sustentarem em amor.

Como os amigos, os orientadores também me deram muito apoio e força para a feitura desta dissertação. Gilead para mim foi mais que uma orientadora: foi sempre minha referência de professora, de mulher, de intelectual, de cidadã, de aliada... eu simplesmente me apaixonei por ela e por sua didática desde a primeira disciplina que ela ministrou à minha turma. Mas, foi no quinto período, na disciplina de ética, que eu fui arrebatada para seguir as apostas de vida que ela lecionou nessa disciplina. Eu me lembro de ter contado um sonho que tive na noite anterior à aula: eu levantei a mão para questionar algo e acabei contando também sobre o sonho, no qual tivemos uma aula de ética em que ela havia passado uma atividade com tinta e pincéis para realizarmos. Aulas depois dessa minha contação de sonho, Gilead chegou à sala trazendo tintas e cartolinas para que realizássemos uma atividade avaliativa com tintas e pincéis. Naquele momento eu não acreditei – sei que sou um tanto dramática, mas eu me lembro de ter cogitado a hipótese de aquilo ser um sonho muito real. Naquele dia eu admirei muito a sensibilidade de Gilead, amarrando as nossas colocações de aula e trazendo para perto do processo avaliativo. Eu pensei comigo: “precisamos de formações assim, que produzem sentido, que fazem sentido com nossa realidade, com nossas dúvidas, e até mesmo com nossos sonhos noturnos”. Naquele dia, com essa sensibilidade incrível de Gilead, eu pude vislumbrar uma educação como troca, como aprendizagem não-depositária de informação e

conteúdos vazios de sentido. Aquela aula foi o puro exercício da ética. Me apaixonei: pela Gilead, pela ética, pela educação, pela academia. Eu precisava desenvolver essa sensibilidade e lutar por essa formação coletiva e carregada de sentido. Lancei-me ao mestrado, assim, com Gilead, em busca dessa troca, desse desenvolvimento professoral que via nela. Fiz o estágio do último ano da graduação com essa mulher de performance forte, que bate na mesa quando se esquentava com os conceitos ministrados em aula. Nesse estágio pesquisamos a Assistência Social e foi assim que me achei ao trabalho. Quero agradecer, com o coração partido pelo fim desse ciclo de aprendizado com Gi, por ter me recebido como sua mestranda. Queria ter mais tempo perto, para fundamentarmos uma amizade, pois vejo muito de mim em Gi. Quando estive longe, eu te esperei voltar para terminar esse mestrado com você: essa pesquisa fazia sentido somente com você, minha professora de ética, de sensibilidade, de análise de implicação, minha professora de vida. Eu te agradeço, Gi, por compartilhar seu amor e sua persistência na ética e pelo exercício de pensamento comigo (aceita ser minha coorientadora de doutorado? Não quero continuar sem você).

Outra professora que me inspirou no caminho de uma formação coletivizada foi Maria Elizabeth Barros de Barros, mais conhecida como Bete Barros. Também quinto período sofri outro arrebatamento intelectual quando a conheci. Com Bete aprendi muito sobre uma palavra que antes era como outra qualquer, mas se tornou uma palavra que merece muito cuidado quando se trata de fazer pesquisa: “observação”. Era disciplina de estágio básico, e uma vivência institucional deveria ser realizada em algum estabelecimento de nossa escolha para pensar práticas educacionais. *“Como assim, vocês vão observar?”* – diziam alguns que recebiam nosso projeto de estágio observacional. Não queríamos passar ao campo que fosse nos acolher a ideia de que este seria um estágio em que atuaríamos como mais uma mão de obra para compor o trabalho e acabar atrapalhando o curso “normal” de seus expedientes. Bete dizia: *“meninas, precisamos analisar esse termo que está no projeto: como assim observar? Para um trabalhador, ao receber estudantes de graduação, esse termo “observar” está muito mais para uma avaliação externa de seu trabalho. E ninguém quer ser avaliado por alguém; ninguém quer um poste ali observando e julgando o seu trabalho”*. Retiramos o termo e alteramos para “vivência institucional”, dizendo que estávamos disponíveis para participar de qualquer atividade do estabelecimento. Bete, a partir daí, passou a marcar minha vida acadêmica. Ela fazia questão de nos ver aprendendo e exercitando o que conversávamos nas supervisões... e se ainda não estivéssemos entendendo algum conceito ou análise, ela não ia embora até conseguirmos tirar algum aprendizado. Que paixão pela docência! Bete me

inspirou a ser professora e a não desistir da educação. Sempre que eu cruzava com essa força chamada Bete Barros, uma energia passava por mim e passava a ter sede por aprender. E não qualquer tipo de aprender: ela havia me ensinado a aprender a aprender; e aprender para ela era produção de comum. Se não era isso, pelo menos foi como eu aprendi a aprender. Para Bete não existe pergunta idiota; para Bete não existe “estou velho demais para aprender”; para Bete aprende-se enquanto se vive: se estás vivo, então estás aprendendo. Quero agradecer a essa professora apaixonada pela docência pela potência de aprendizagens que me fizeram chegar até aqui. Com os encontros que tive com você, Bete, saí sempre mais engajada e firme para aguentar o sucateamento que nossa educação tem sofrido. Sua não desistência pelos nossos aprendizados (e também pelo seu) me inspira a lutar por uma educação baseada na troca e na produção do comum. Você nunca desistir, me faz também não querer desistir da docência como meu futuro. Muito obrigada por me ajudar a aprender.

Gostaria de agradecer ao Rafael e à Luziane que nunca possuíram nenhuma obrigação em me orientar, mas me ajudaram com análises, com abraços, com choros, com choques de realidade... esses dois professores me acolheram quando Gi estava longe, e com eles pude compor esta dissertação e continuar persistindo nesse mestrado que por um ano não teve Júlia e nem Gilead. Na ausência dessas importantes aliadas, Luzi e Rafa se fizeram presentes em me acolher. Por causa de vocês eu não fiquei solitária, mesmo me sentindo sozinha e com saudade de viver a grupalidade que antes eu vivia. Vocês foram o meu grupo de pesquisa nesse último ano e graças a vocês, também, esta dissertação se concretiza. Muito obrigada.

Agradeço à sociedade que contribuiu com os impostos para o sustento da Universidade, que fomenta a academia e as produções oriundas desta. Esta dissertação é dedicada também a cada cidadão de Vitória e também do Brasil que possam colher as reverberações dessa pesquisa, seja pelo trabalho no CRAS, seja por outras vias que não faço ideia que esta dissertação pode atingir.

Agradeço às técnicas do CRAS pesquisado, que tão prontamente acolheram a pesquisa e, assim, me acolheram. Conhecê-las foi muito importante para mim e para o desenvolvimento de Amália. O trabalho que é exercido por essas trabalhadoras merece ser pesquisado por mais acadêmicos e pesquisadores para uma visibilidade que, talvez, promova mais reconhecimento dos serviços socioassistenciais de nosso país. Queridas técnicas, muito obrigada; sem vocês não existiria este trabalho.

A gratidão é algo que nos faz manter ainda fortes na jornada da vida, pois ela nos faz respirar e olhar para o trabalho feito. Gilead costuma dizer que “trabalho bom é trabalho feito”, e se vemos que um trabalho está feito é porque paramos para olhar para o caminho efetivado, agradecendo a cada acompanhante cada metro percorrido.

A todos vocês, muito obrigada.

Feito.

Estamos todos sempre um pouco doentes e um pouco loucos, mas, mesmo assim, isso
não impede o trabalho de se desenvolver!

Yves Schwartz

RESUMO

Partindo da ideia grega de que a ética é exercício de pensamento, ela seria um processo de pensar e refletir, e não uma mera reprodução e aplicação de regras e de soluções previamente concebidas. Contrapõe-se, assim, a ideia de uma moral universal, e se permite conceber uma coletividade a partir do compartilhamento de experiências diversas. Com a intenção de produzir um texto que acessasse as experiências, lançou-se mão da narratividade como ferramenta para exercitar o pensamento e fazer emergir o bom e o mau das práticas, dos encontros, das relações vivenciadas. A fim de realizar uma pesquisa produzida COM e não SOBRE, a narrativa emerge como dispositivo de produção coletiva do conhecimento, contando a história de experiências do trabalho, pois entende-se que o trabalho é um exercício ético; tão ético quanto a própria liberdade. Entendendo que trabalhar significa tomar decisões, fazer escolhas e confrontar valores diversos, fazendo do trabalho uma “dramática do uso de si”, pela dinâmica da narrativa possível contar nesta dissertação como se trabalha, onde se trabalha, quem trabalha... e se conta de maneira coletiva através das memórias dos encontros realizados em um CRAS específico do município de Vitória. Por meio de diário de campo e gravações de áudio os dados foram colhidos e produziu-se cenas que remontam paisagens de trabalho com personagens, diálogos e práticas, contando processos de desterritorializações. Conta-se aqui sobre um devir que irrompe a trabalhar, denominado de Amália, uma personagem conceitual que funciona como um dispositivo de análise. Através dela se faz possível contar os desafios do trabalhar, seja o trabalho em forma de conhecimento técnico na Proteção Social Básica ou em forma de pesquisa. Esse devir-Amália é apresentado como estando presente nas linhas de fuga, abrindo desvios para desautomatizar o trabalho, para os conflitos potentes cheios de debates e trocas, para um respirar fundo e seguir em frente, trabalhando.

Palavras-chave: Ética; Narrativa; Micropolítica; Ergologia.

ABSTRACT

We begin with the Grecian notion that ethics is an exercise in thought and reflection; with a reach far beyond a simplistic reproduction and application of rules or solutions from the past. The notion of universal morality is thus opposed, and this thesis conceives a collective from the sharing of diverse experiences. With the intention of producing a text that accesses lived experiences, narrative was used as a tool to bring out the good and the bad of human practices, encounters and lived experiences. In order to produce a research produced with COM and not ON, the narrative emerges as a device of knowledge of collective production, telling the story of experiences in the workplace, based on the assumption that work is an ethical exercise; as ethical as freedom itself. It is understood that work entails making decisions whilst confronting the diverse values of others; therefore, work is envisioned as a "dramatic use of self" for the purposes of this these. Through the dynamics of the narrative, it is possible for this dissertation to describe the essence of work in the context of Vitoria, Espirito Santo, Brazil, through the spoken memories of meetings held in a specific CRAS organization in said city turned into text. Through field logs and audio recordings, the data collected and scenes found in this dissertation trace work landscapes with characters, dialogues and practices, as well as the geosocial processes of deterritorialization. The story is told through the eyes of a character named, Amália, a conceptual persona who functions as an analytical device. [Através dela se faz possível contar os desafios do trabalhar, seja o trabalho em forma de conhecimento técnico na Proteção Básica Social ou em forma de pesquisa.] Amália is presented amidst the "lines of flight", opening new paths to critique and stimulate the deautomatization of labor; she faces powerful conflicts, filled with debate and the exchange of ideas, eventually finding the breath to continue on, laboring.

Keywords: Ethics; Narrative; Micropolitics; Ergology.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 Ethopoiese	16
<i>Por que o mundo é assim? – um exercício de liberdade</i>	17
<i>A narrativa e o trabalho como exercício de pensamento</i>	20
<i>Para narrar é preciso corporificar</i>	23
<i>Quem é Amália?</i>	29
<i>Iara e Amália – um diálogo possível</i>	32
<i>Cumplicidade que analisa o trabalho</i>	39
CAPÍTULO 2 Cenas do Trabalho.....	47
<i>Cada problema tem a solução que merece.....</i>	48
<i>Humaniza CRAS</i>	51
<i>Trabalhamos com vidas!</i>	54
<i>Flagrante</i>	57
<i>“Onde deixo minha bolsa?”</i>	61
CAPÍTULO 3 Devir-Amália.....	68
<i>Uma última narrativa em cena.....</i>	69
<i>A palavra dá conta?</i>	72
<i>Ética como um modo de ativismo</i>	74
<i>Uma desconfissão</i>	76
REFERÊNCIAS	79
ANEXO.....	82

CAPÍTULO 1

Ethopoiese

Por que o mundo é assim? – um exercício de liberdade

Ética. Ética e moral. Quando uma é dita a outra logo pede seu lugar ao texto. Palavras distintas, ora entendidas como sinônimos, ora como antônimos ou palavras dicotômicas. ‘Ética’ é oriunda da palavra grega ‘ethike’, que se origina do substantivo ‘ethos’, sendo este uma transliteração de dois vocábulos: ‘éthos’ – costume, estilo de vida, morada construída incessantemente; e ‘êthos’ – disposições afetivas, cognitivas e comportamentais de um indivíduo, processo genético do hábito¹.

‘Moral’ vem de ‘moralis’ no latim, proveniente da intenção de traduzir a palavra ‘ethos’ na cultura romana. Tal tradução abarcou somente o significado do vocábulo ‘éthos’, fazendo com que, gradualmente, denotasse costumes (do ponto de vista coletivo) e caráter ou modo de ser (do ponto de vista individual)².

Na antiguidade clássica grega, a ética era a ciência do ethos: uma reflexão crítica sobre os costumes e os modos de ser dos homens, suas moradas e seus modos de habitá-las coletivamente. Assim, para os gregos, a ética denotava o objeto a ser estudado, bem como a forma de estudar esse objeto³. Mais ainda: os gregos entendiam a ética como uma educação que visava à felicidade, à vida justa e livre, somente possível como uma vida política⁴. Tal educação, longe de se referir à instituição escolar, diz de uma formação para o livre exercício do pensamento, baseado na atitude pública virtuosa e na expressão social e política da própria humanidade.

A sinonímia entre ética e moral, mais facilmente possibilitada por uma mera junção do significado de êthos naquele processo de tradução romana, acaba afastando a vida de sua dimensão política e a aproximando das ideias de justiça, liberdade e felicidade ligadas a uma dimensão individual, ao livre-arbítrio⁵.

O cristianismo do período medieval contribuiu para esse afastamento: um período histórico europeu marcado pela ignorância e servidão, sendo a vida gerida por normas, comportamentos e ideais oriundos da instituição máxima da época: a Igreja⁶. Esta, quando

¹ GONTIJO, 2006.

² GONTIJO, 2006.

³ GONTIJO, 2006.

⁴ MACHADO, 1999.

⁵ MACHADO, 1999.

⁶ VICENTINO, 2002

percebia seus dogmas colocados em risco por alguma manifestação de pensamento, logo a repudiava e a qualificava como heresia⁷.

Assim, o cristianismo medieval preconizava felicidade, justiça e liberdade baseadas num maniqueísmo: o bem e o mal. Para esse cristianismo, havia o Bem, diretamente ligado à lei divina, revelada à Igreja por meio da Bíblia, haja vista que, apenas os clérigos possuíam acesso e dominavam a leitura na época. Uma exterioridade transcendente revelava a seus representantes terrenos (os bispos, os padres e os papas) as ações virtuosas que culminariam na salvação⁸. Havia também o Mal, sendo este ligado aos vícios, à má índole e às falhas de caráter, devendo serem cuidados por meio da ascese⁹. A escolha entre o Bem ou o Mal, desse modo, é o livre-arbítrio do indivíduo.

Logo, a vida se configurava de maneira individualizada, fechada em si mesma, ojerizando tudo aquilo que diferisse dos sagrados dogmas religiosos; bem diferente da antiguidade grega, na qual se entendia a virtude como o exercício da vida social, sendo a ética a expressão do comportamento humano como efetivamente político. Para os gregos clássicos, o que não fosse ético, seria também não-humano¹⁰.

Ao invés de sinônimos, a ética e a moral poderiam estar mais para antônimos: a ética se referindo a um exercício de pensamento, uma escolha entre o que seria bom e mau na dimensão político-social na qual vivemos; e a moral dizendo respeito às normas, às regras e aos valores sociais vigentes, baseados numa concepção maniqueísta universalizante de bem *versus* mal¹¹.

“Bem” é um substantivo e “bom” um adjetivo¹². Apesar de esta ser uma comparação um tanto morfológica, já apresenta a diferença entre a proposta da ética e a proposta da moral. Sendo um substantivo, o bem designa a substância de um ser; designa o que é aquele ser, indica uma essência imutável e única, independentemente das variações temporais, situacionais e regionais. Como adjetivo, “bom” é uma qualidade, um modo de ser, um estado.

⁷ VINCENTINO, 2002

⁸ MACHADO, 1999; VICENTINO, 2002; WHITE, 2004.

⁹ MACHADO, 1999.

¹⁰ MACHADO, 1999.

¹¹ MACHADO, 1999.

¹² MACHADO, 1999 - A comparação entre os termos “bem” e “bom” é feita por Machado e achou-se interessante trazer essa comparação.

Entretanto, mesmo com tais diferenças fundamentais, a antonímia também não é a relação entre a ética e a moral a ser aqui defendida. Trata-se de vetores: são concepções que atravessam a vida numa dimensão visível e invisível¹³. A moral atravessa a vida como aquilo que está cristalizado, que já foi formado; a ética perpassa a vida como fluxo que faz balançar – até mesmo quebrar – o que já está cristalizado, instituído, acessando a dimensão das virtualidades, daquilo que é invisível.

Partindo da ideia grega de que a ética é exercício de pensamento, ela seria um processo de pensar, e não uma mera reprodução e aplicação de regras e de soluções previamente concebidas¹⁴. Com isso, uma sinonímia seria possível entre a ideia de pensamento e a de desnaturalização: significando processo de disjunção, dissolução das formas estabelecidas. É claro que a cristalização e a naturalização se fazem possíveis e presentes mesmo quando se entende a ética como exercício do pensar. Entretanto, ao considerar a ética e o pensamento dessa forma, possibilita-se um jogo incessante de ultrapassamentos daquilo que está pronto e percebido como natural¹⁵.

Ainda sobre o pensamento, é preciso se ter em mente que ele não pertence a ninguém: uma vez entendido como fluxo, ele não está no interior de um indivíduo, mas sim nos encontros, nas relações, nas conexões produzidas; relações não dicotomizadas, apenas relações. Essa maneira de conceber o pensamento é um desafio, com a difícil tarefa de não separar ou substancializar as relações, mas, sim, adjetivá-las. Ao aceitar tal desafio, estamos diante de um pensamento que é multiplicidade¹⁶.

É preciso pensar sobre o mundo, não o encarar como algo natural; não supor que “o mundo é assim porque Deus quis”, por exemplo. A ética é o exercício de desnaturalização, um processo que permite conhecer o mundo em que se habita, e as relações existentes; permite questionar o que está colocado, de maneira que mostre as possíveis mudanças. Assim, a ética é uma alegria ativa, pois produz conhecimento à medida que conhece.

¹³ MACHADO, 1999.

¹⁴ MACHADO, 1999.

¹⁵ MACHADO, 1999.

¹⁶ MACHADO, 1999. – “Uma *multiplicidade* não se define pelo número de seus termos. Pode-se sempre acrescentar 3 a 2, um 4 a 3 etc.; não é por aí que se sai do dualismo, já que os elementos de um conjunto qualquer podem ser relacionados com uma sucessão de escolha que são elas próprias binárias. Não são nem os elementos, nem os conjuntos que definem a *multiplicidade*. O que a define é o E, como alguma coisa que ocorre entre os elementos ou entre os conjuntos. E, E, E, a gagueira. Até mesmo, se há apenas dois termos, há um E entre os dois, que não é nem um nem outro, nem um que se torna o outro, mas que constitui, precisamente, a *multiplicidade*” (Deleuze & Parnet, 1998).

Um pensamento que trabalha sempre no limite da ignorância, ao fazer de toda afirmação como provisória, faz com que a liberdade, a justiça e a felicidade públicas sejam possíveis na realidade presente, sem ter que esperar o dia da salvação para vivê-las.

Espinosa entende a ética como o exercício da liberdade – ou ainda como a própria liberdade¹⁷. Para ele, a liberdade se configura como aumento da potência de agir do sujeito quando junto de outros sujeitos; isto é, quando o sujeito tem sua potência de agir aumentada à medida que se relaciona com outros considerando suas existências, num exercício de alteridade, há, assim, a liberdade.

Foucault ajuda a complementar a ideia de liberdade preconizando que não se trata de uma ausência de regras, mas sim, um exercício de questionar as variadas formas de dominação: “somos livres (...) porque podemos reproblematicar o que pensamos, fazemos e somos, porque podemos identificar as condições históricas que nos levaram a pensar, agir e ser de uma determinada maneira”¹⁸.

Ambos os entendimentos acerca da liberdade consideram a relação com o outro; consideram um coletivo – isto é, a alteridade. Esta concepção compreende que há um outro, ou seja, há uma relação com outro além de si. Esse outro não é uma outra unidade-eu¹⁹, o que leva à quebra da ideia de coletivo como um agrupamento de unidades-eu (ou composição de individualidades; soma das partes). Trata-se, antes de tudo, de perceber esse outro como um modo de existir e de se diversificar, emaranhado numa rede de relações, com expressões diversas que produzem formas: formas-sujeito, formas-sociedade, formas-conhecimento, ao mesmo tempo em que são desarranjadas permitindo a construção de outras formas²⁰.

Logo, é incabível pensar ética sem coletividade; ética sem alteridade. Ética e liberdade, estes sim, podem ser entendidos como sinônimos.

A narrativa e o trabalho como exercício de pensamento

Tornar-se livre é se remeter a uma fragilidade daquilo que é identificado como *eu* – é fragilizar a própria identidade –, desnaturalizando essa identidade e percebendo sua gênese

¹⁷ FUGANTI, 2001.

¹⁸ VAZ, 1992, p. 122.

¹⁹ MACHADO, 1999.

²⁰ MACHADO, 1999.

histórica²¹. Gênese essa acessada por uma confirmação da alteridade, da coletividade, libertando, assim, a *forma* e expondo-a ao risco de se *trans-formar*. Tudo isso promovido por um exercício do pensamento. Logo, restaria à moral uma experiência de sobrevivência e à ética uma obra de arte, sendo a vida essa obra e a arte o exercício do pensar.

O acesso à gênese histórica de nossa própria identidade, como exercício ético-político, se faz de maneira coletiva. A partir daí, podemos pensar que a narrativa é uma *forma* desse acesso. A narrativa é uma construção linguística histórica e coletiva que, segundo Benjamin²², é distinta do romance, que não possui coletividade, porque é uma história única, sob uma única perspectiva, como uma versão “verdadeira”. Em contrapartida ao romance das histórias individuais, a narrativa pode ser entendida como um saber que inventa a coletividade, fazendo emergir o comum a partir de experiências diversas, não apresentando uma moral universal.

Assim, o narrador astuto não pretende moralizar as histórias e os acontecimentos: ele conta as experiências a partir do seu lugar, passando-as adiante – ele, os ouvintes e os leitores das histórias, articulam um coletivo à medida que se compartilham os saberes produzidos(tores). Para tal astúcia, uma vigilância é necessária: vigiar a disponibilidade para experienciar, pois não se pode narrar aquilo que não atravessa – aquilo que passa direto e não se corporifica.

É comum no contemporâneo a informação rápida e efêmera; uma diversidade de informações que passam por sortidos veículos, que, de tão velozes, nem chegam a gerar entendimento no corpo. Com isso, entendemos que para narrar é necessário experienciar, pois o narrador nunca está de fora, ele sempre fala de uma relação com a história contada. Assim sendo, a experiência se passa no narrador e naqueles que produzirão outras histórias a partir da narrativa. Tanto o ato de narrar quanto o de ouvir/ler a narrativa falam, então, de uma experiência coletiva. E não se produz uma narrativa sem um exercício de pensamento; sem a ética.

Foi com a intenção (e o desafio - nada fácil) de produzir um texto que acessasse a gênese histórica das experiências e das *formas* que lançamos mão da narratividade como ferramenta para exercitar o pensamento e fazer emergir o bom e o mau das práticas, dos encontros, das relações vivenciadas no campo de pesquisa. A fim de realizar uma pesquisa

²¹ MACHADO, 1999.

²² BENJAMIN, 1994.

produzida COM e não SOBRE outros, a narrativa emergiu como dispositivo de produção coletiva do conhecimento.

A narrativa que intentamos aqui conta a história de *experiências do/no trabalho*. E começamos a narrativa com toda aquela discussão da diferença da ética em relação a uma moral porque entendemos que o trabalho é um exercício ético; tão ético quanto a própria liberdade. Trabalhar tem o sentido de tomar decisões, fazer escolhas e confrontar valores diversos, fazendo do trabalho uma “dramática do uso de si”²³. Segundo a Ergologia (abordagem francesa difundida pelo filósofo Yves Schwartz que discute o trabalho), há no trabalho a ideia de debate de normas: a partir de uma referência de valores que extrapolam o aqui e o agora, tem-se o “debate” como uma gestão do trabalho que envolve escolhas, valores e arbitragens, e que é sempre coletivo, mesmo que não visivelmente²⁴. Não acreditando na passividade do trabalhador, nem na mera reprodução de uma prescrição de trabalho, entende-se que o trabalho é sempre “um ‘fazer de outra forma’, um ‘trabalhar de outra forma’”²⁵.

Com isso, tanto a noção de ‘dramáticas’ quanto a de ‘debate de normas’, fazem mais do que aproximar o trabalho da ética como exercício de pensamento: o aproximam da noção de liberdade, que já dissemos compreender como o exercício de desnaturalizar o que se é, e se lançar no que se pode ser. Mais ainda: o trabalho seria assim uma *atividade*²⁶, não se fechando naquilo que se tem como prescritivo – antecedente e já pronto, como a moral – e considerando o “real efetivado”, ou seja, o que emergiu como efeito do debate e das dramáticas do trabalho.

Poderíamos dizer que quando não se tem um exercício de pensamento no trabalho, tem-se um trabalhador-máquina: aquele que executa, reproduz e não critica, nem avalia ou reflete aquilo que está a fazer. Porém, como dizem os gregos clássicos: se não é ético, é não-humano; logo, se tem humanos, há, mesmo que fugazmente ou pontualmente, alguma reflexão sobre o trabalho e sua dimensão como *atividade*.

Apostamos, portanto, na narrativa para contar desse exercício de liberdade que é o trabalho como *atividade*. Pela dinâmica da narrativa é possível contar como se trabalha, onde se trabalha, quem trabalha... e para se contar efetivamente como uma narrativa (ou pelo

²³ SCHWARTZ, 2011.

²⁴ HALL & AMADOR, 2017.

²⁵ HALL & AMADOR, 2017.

²⁶ SCHWARTZ, 2007

menos, numa tentativa de narrar...), o faremos através das memórias dos encontros, das conversas, das leituras e dos devaneios que experienciamos no *trabalho* de feitura deste texto.

Tanto o narrar quanto o ler/ouvir uma narrativa é se conectar com a feitura relacional/coletiva de sua própria identidade à medida que segue os diálogos, os cenários, os enredos, os personagens... conforme se experiencia a narrativa, a *poiese* (a criação) vai se tornando mais visível, como num devir-consciente daquilo que me faz ser e daquilo que eu desejo fazer. Esta experiência que se acessa com a narrativa configura-se então como a ethopoiese. É assim que desejamos compreender a experiência do *trabalhar* (do trabalho como atividade) narrada aqui, a ethopoiese do/no trabalho.

Para narrar é preciso corporificar

Numa tentativa de encarnar as experiências vividas pela pessoa que vos fala²⁷ durante a pesquisa que originou esta dissertação, ousamos usar um texto narrativo em terceira pessoa, pois, esta escritora/contadora não se percebia como trabalhadora. Quer dizer, ao realizar este *trabalho*, ela não se dava conta de que estava *trabalhando*. E isso fazia com que ela descrevesse e percebesse o trabalho como algo lá longe... São os romances que deixam as coisas lá longe. Então, ela falava do trabalho de modo romântico: “*o trabalho é lindo!*” e “*o trabalho é vida!*”. Estas ideias de vida e de beleza que ancoravam o trabalho foram sendo construídas pela escritora/contadora enquanto ainda se graduava em psicologia: as supervisões de estágio e a leitura de alguns teóricos faziam-na pensar o trabalho como aquilo que traz sentido à vida, e que produz a própria vida. Este pensamento não é de todo mau, desde que não seja uma concepção romântica do trabalho, quer dizer, desde que o trabalho esteja corporificado.

Um processo de naturalização estava, assim, em curso: uma naturalização do trabalho como vida alegre, sempre feliz. Ao se deparar com o trabalho na Assistência Social e perceber que este possui um histórico marcado pela desqualificação, pela atuação baseada em uma cultura patrimonialista, clientelista e de primeiro-damismo²⁸, emerge na escritora-narradora uma vontade de mudar essa situação, pois para ela, como já dito, “*trabalho é vida!*” – e vida é

²⁷ “O autor é um sujeito de enunciação, mas não o escritor, que não é um autor. O escritor inventa agenciamentos a partir de agenciamentos que o inventaram, ele faz passar uma multiplicidade para a outra” (DELEUZE, 1998, p. 43).

²⁸ RAICHELIS, 2010.

produção de novos modos de existir. Não via vida no trabalho socioassistencial quando este reproduzia velhas práticas sociais. Mal sabia ela que trabalhar não é apenas alegrias. Há sofrimentos. Há dor na vida.

Esse modo de ver e de pensar da escritora-narradora não se tratava apenas de uma naturalização do que é o trabalho e do que é a vida: tratava-se, também, de uma separação do trabalho em sua própria vida, ao não se perceber trabalhadora enquanto estudante, e mais a frente, enquanto recém-formada. Com isso, um olhar transcendente acerca do trabalho a conduzia, e para que esse olhar se compusesse na imanência das experiências, uma linguagem em terceira pessoa emergiu como dispositivo para que uma ethopoiese fosse possível, isto é, para que a escritora pudesse corporificar o trabalho e tornar-se assim uma contadora das experiências do trabalhar na Assistência Social.

A ideia de produzir um texto narrativo não caiu do céu como solução. Ela emergiu a partir de um processo; de um encontro entre a escritora e sua orientadora de percurso, Iara e Odina²⁹, respectivamente.

Iara marcou esse encontro com Odina para conversar sobre seus diários de campo. O encontro aconteceu em uma sala onde encontros como esse eram bem comuns: encontros que têm como finalidade o exercício de pensamento; uma sala que não possuía apenas mesas e cadeiras com estilo de escritório, mas também uma potência de aprendizados e desconstruções – desnaturalizações.

Para Iara, era apenas um encontro rotineiro para pensar acerca de seu diário de campo, porém, ela foi surpreendida por Odina com um exercício diferenciado, partido da percepção desta de que Iara se angustiava com a temática do trabalho e da Assistência Social. Odina pediu que Iara respirasse fundo, com os olhos fechados. Quando pediu para Iara abrir os olhos, disse:

– Escreva para mim as três primeiras palavras que veem a sua mente quando lê isso.

Havia uma folha branca sobre a mesa onde se lia a palavra ‘TRABALHO’, em letras de fôrma e maiúsculas. Iara logo sorriu, assim que leu a palavra. Pegou o lápis e escreveu:

²⁹ Odin: Significa “ele traz inspiração”, “ele inspira”, “inquieto e exaltado”, “sua inquietação gera inspiração” (disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/odin/>). Adicionou-se a letra ‘a’ para corresponder ao gênero feminino.

‘vida’

‘transformação’

‘manejo’.

Odina a questionou:

– *Vida? Que vida é esta?*

Iara, com dúvida, respondeu:

– *Vida das pessoas que trabalham.*

– *Quem trabalha?*– Replicou Odina.

– *Os sujeitos, as pessoas...*– Respondeu Iara sentindo não corresponder corretamente à pergunta feita.

Odina, com seu furor criativo, perguntou uma última vez:

– *Vida de quem? Quem trabalha?*

Iara, imaginando que, dessa vez, se não respondesse o que era esperado como resposta certa, sua orientadora bateria na mesa como de costume quando fica eufórica com algum assunto, respondeu com receio, expressando isto com uma pergunta:

– *Eu? É a minha vida?*

– *Isso! Isso mesmo.* – respondeu Odina grata por isso ter saído da própria Iara.

– *E transformação, transformação de quê?*– Odina continuou a questionar Iara, fazendo-a perceber, naquele momento, que sua professora faria isso com cada uma das palavras escritas.

– *Minha transformação de saída da simbiose com meu pai.* – respondeu Iara sentindo começar a entender do que se tratava todo aquele exercício. Com lápis em mãos, Odina anotava as respostas de Iara à frente de cada palavra que fora escrita e questionada.

– *E manejo?*

– *Ah, manejo, para mim é o próprio trabalho.*– respondeu Iara à pergunta, já esperando uma análise de Odina acerca do exercício inesperado.

– *Você está em transformação, saindo do vínculo com seu pai. Está mudando o jeito de se vincular com ele: como transformar o vínculo, romper um vínculo sem romper? Você está tendo que manejar tudo isso pela via do trabalho. A dissertação é o manejo, a dissertação é o seu trabalho, que vai te ajudar a transformar esse vínculo, e você vai se perceber trabalhando.* – disse Odina. Iara sentiu o exercício como concluído e, com isso, se percebeu podendo interagir mais, sem esperar pelas perguntas de sua orientadora:

– *Mas, eu não me sinto trabalhando...* – discordou Iara, ao que Odina logo respondeu com um semblante resolutivo:

– *Eu sei!*

Odina, então, mostrou a Iara como esta estava trabalhando mesmo não se percebendo nessa ação. Segundo Odina, Iara estava vivendo uma experiência enevoada³⁰ e para que ela corporificasse a experiência de trabalho – para que conseguisse se perceber e se sentir trabalhadora – ela lançou mão da ideia de que Iara contasse sua história no diário de campo em terceira pessoa, servindo de exercício para colocar em análise questões e ideias que passavam desapercibidas por Iara. Para Odina, o que mais passava ao largo por Iara eram suas questões com o trabalho, ou seja, exatamente o que era seu “objeto de pesquisa”.

Para produzir um texto em terceira pessoa, era necessário que, ao falar de si mesma, Iara se nomeasse. Odina orientou Iara a escolher um nome com sentido, um nome que pudesse trazer sensações e que significasse algo para Iara. Esta, percebeu tal tarefa como algo importante e se sentiu abraçar uma responsabilidade como a de nomear uma filha, como se o substantivo próprio escolhido fosse conviver com ela para o resto de sua vida.

³⁰ “ (...) auto-afecção como uma polaridade dinâmica, manifestando-se na forma de uma tensão que toma várias formas: gostar/não gostar; atração/rejeição; prazer/desprazer” (VARELA & DEPRAZ, 2000, p.153). Esse par de opostos é na verdade um continuum limitado por extremos, mas que é nele mesmo uma multiplicidade. Essa polaridade dinâmica é o germe da emoção. Possui natureza transitória e inerentemente instável, uma simples flutuação a partir de um domínio pré-reflexivo, sendo apenas uma tendência, um movimento que se manifesta ele mesmo como um próximo passo. Estamos, assim, ainda no estágio de uma experiência enevoada, descentrada de si (...)” (ROCHA, 2006. p.55).

Iara, então, decidiu iniciar a tarefa da narratividade escolhendo o nome da personagem que a “representaria” – o que mais tarde entendeu que não se tratar de uma representação. Encontrou, em um *site* de significados de nomes, o seguinte nome:

Amália: Trabalhadora, diligente, ativa. Origem germânica, do radical ‘Amal-’ que significa ‘trabalho’; este nome simboliza as características de uma mulher batalhadora, esforçada, cuidadosa e que está sempre atenta em tudo que faz³¹.

Iara não precisou continuar a leitura da lista para fazer a sua escolha. No mesmo momento em que se sentiu nomear a personagem, contou a Odina o nome escolhido e iniciou a história de Amália.

Estando Iara em sua casa, sob uma ambiência solitária, porém povoada por memórias e pensamentos, iniciou a “caracterização” de Amália. À medida que escrevia sobre essa personagem, Iara percebia estar contando a história de sua vida e julgou um tanto arrogante contar *sua* história em um diário de campo e, posteriormente, em uma dissertação.

Um tanto preocupada com tal arrogância, Iara ligou para Odina e contou sobre essa sensação, e esta logo a ajudou a entender que Amália não seria uma representação intimista de si. Odina a respondeu ao telefone:

– Falar da Amália é falar de tantas outras por você, com você. A narrativa sobre Amália não é sobre sua vida pessoal, é falar daquilo que toca esse universo no qual você também está inserida, que é: uma recém-formada do curso de psicologia, iniciando a vida no mundo do trabalho. Tire o centro de você, amplie o seu olhar. Dê um sobrevoo, saia um pouco do seu umbigo e do seu particular. Você vai ver um monte de pessoas: de jovens recém-formados saindo de casa, vendo o que eles estão vivendo, o que estão passando entrando no mundo do trabalho, em seu primeiro emprego, e você viu que a Assistência Social tem sido essa porta de entrada. Falar disso é dizer do trabalho, do manejo de transformação da própria vida. Nas dissertações, nós situamos para o leitor quem somos, porque não somos neutros, sempre partimos de algum lugar. A Amália é o seu dispositivo para fazer isso. Pensamos ela para que você pudesse sair de Iara e pensar um pouco por outras vidas. Por isso falar de você em terceira pessoa, falar de um outro.

³¹ disponível em: <https://nomeschiques.com/amalia-significado-do-nome/>

Amália começou, assim, a ganhar forma no diário de campo de Iara. À medida que se via como outro, narrando no diário de campo suas percepções em terceira pessoa, Iara foi percebendo que havia uma dimensão do trabalho da qual se esquivava: a dimensão do sofrimento. Iara se viu encarando a vida sempre como sinônimo de alegria, e ao falar dela enquanto Amália, foi sentindo a vida não apenas como alegria, mas também como sofrimento.

O nome ‘Amália’, assim, emergiu nesse contexto para denominar a pesquisadora em suas vivências e peripécias enquanto conhecia o trabalho na Assistência Social. Entretanto, à medida que a narratividade ganhava seus fluxos e as personagens ganhavam corpo, Iara notava que Amália estava para além de uma denominação da escritora: Amália se configurava como uma pluralidade; ou melhor, como uma multiplicidade – de sujeitos e de saberes. E mais, Iara foi percebendo que essa forma de personificar essa multiplicidade a auxiliava na análise do diário de campo, e mais tarde dos áudios que produziria durante a pesquisa – do mesmo modo como conseguiu analisar sua relação romântica com o trabalho, que a fazia se esquivar da dimensão do sofrimento que também faz parte deste.

Com isso, Iara apresenta Amália como uma multiplicidade: como um corpo povoado por recém-formados que se lançam ao universo do trabalho; por psicólogas e assistentes sociais que chegam à Assistência Social como primeiro exercício profissional; por trabalhadoras que inventam cotidianamente seu fazer a partir de suas histórias; por pesquisadoras que se veem desafiadas pelo exercício de análise de implicação e pelo exercício da escrita de uma pesquisa produzida COM.

Nesse corpo há um umbigo e no umbigo de Amália há uma pesquisadora-psicóloga-recém-formada, chamada Iara, marcada pelo trabalho no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) devido à sua experiência no estágio final obrigatório da graduação, e do consultório clínico. Marcada, também, pelo anseio do fim do tempo como estudante. Os anseios dessa pesquisadora-psicóloga-recém-formada, ou melhor, de Iara, vão se modificando enquanto conhece o restante do corpo de Amália: vai entendendo que não se trata do fim de um tempo de estudante, mas de outra maneira de desenvolver a formação por meio do trabalho; vai entendendo que estudo e trabalho operam juntos e que a categoria “estudante” é apenas mais uma tentativa de capturar o trabalho e diminuir sua dimensão de *atividade*.

Amália é escolhida como substantivo próprio feminino propositalmente, pois, para Iara, tão desafiador quanto trabalhar é ser mulher, e não porque o gênero da escritora é feminino. E mais: Iara percebe que o corpo técnico da Assistência Social em sua maioria é

composto por mulheres; o curso de graduação de serviço social e de psicologia é majoritariamente formado por mulheres. Iara vê como um desafio Amália não ser mulher.

Iara prevê que Amália pode se confundir com a narradora do texto, com as técnicas dos serviços socioassistenciais, com o leitor e a leitora, pois Amália é um povo; é multiplicidade. Difícil não se identificar com a personagem. Difícil, também, se identificar. Assim, Iara passa a entender que Amália é um dispositivo de análise. Através dela se faz possível contar os desafios do trabalhar, seja o trabalho em forma de conhecimento técnico na Proteção Social Básica, seja em forma de pesquisa.

Quem é Amália?

Amália é uma personagem conceitual cujo verbo de ação é este: trabalhar. E é nesse verbo que ela insiste, pois constantemente é posta à prova tendo que responder ‘o que é trabalhar?’, ‘como se trabalha?’, ‘quando se trabalha?’... Essa é sua dinâmica.

Enquanto responde a essa prova, Amália cria uma jurisprudência³² própria que vai balizar suas decisões, que são sempre locais e situadas. Sua jurisprudência se constrói baseada em seus trajetos, em sua história de vida – no plano de imanência em que Amália opera. São decisões que estão para além do bem e do mal, decididos nos momentos nos quais Amália é convocada a agir.

Os caminhos nos quais Amália circula estão sob as paisagens do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), dos auditórios de reuniões e da universidade, locais onde ela vai se relacionando com as normas prescritas, com gestores, com munícipes, com estagiários, com a literatura científica e acadêmicos.

É possível dizer que Amália é uma “operária não alienada dos processos de produção”, pois está em constante reflexão acerca das suas práticas e sempre buscando acompanhar as linhas de fuga³³ do processo de trabalho. Nisso, ela tem que lidar com o caos, pois não aceita

³² Cada caso é um caso. A verdadeira criadora de direitos é a jurisprudência, não o Código Civil. Deleuze diz que ao invés lermos o Código, deveríamos ler as coletâneas de jurisprudência, pois ele aposta na circunstância como criadora dos direitos. Cada caso é um caso, com seus direitos e penalidades conforme o caso demanda. A jurisprudência é por Deleuze entendida como a criadora dos direitos porque está na imanência – considera um coletivo; é o coletivo que discute e decide, o que nos faz sair de uma ideia de direitos e passando para a ideia de política, que é uma experimentação ativa, nunca sabendo de antemão o que vai acontecer (DELEUZE, 1992).

³³ Deleuze afirma que somos feitos de três linhas: duras, flexíveis e de fuga. A primeira diz respeito aos segmentos que nos identificam permitindo mensuração e previsão das nossas práticas, como família, profissão,

as capturas categóricas despotencializadoras da ação. Para lidar com o caos sem homogeneizá-lo e ainda existir nele, Amália cria apostas de vida e de existência.

Amália vai se constituindo, então, como uma criadora de conceitos: à medida que os problemas se apresentam, ela procura forjar ferramentas e dispositivos para continuar a acreditar na vida neste mundo; para continuar trabalhando. Ela não desiste da vida. Ela insiste, e insiste com a criação dos conceitos como ferramentas para operar análises capazes de manter o fluxo de criação próprio da vida. É justamente essa insistência que permite a consistência dos conceitos: como o surfista que insiste na imanência do mar, criando manobras com sua prancha; como o músico que insiste no plano sonoro, criando melodias consistentes³⁴.

O campo de intervenção no qual Amália inventa a si e os conceitos é o SUAS, modelo de gestão da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) em todo o território nacional³⁵.

O CRAS é o equipamento que funciona como unidade básica estatal da Assistência Social, a fim de garantir direitos aos cidadãos através de um reconhecimento público da legitimidade das demandas sociais no tocante à alimentação, moradia, convivência familiar e comunitária³⁶. Pela oferta do Programa de Atenção Integral às Famílias (PAIF), principal serviço do CRAS, há a tentativa de prevenir a população atendida dos riscos sociais por meio do desenvolvimento e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Há outros serviços ofertados no CRAS, como oficinas, concessão de mínimos sociais como Benefício de Prestação Continuada (BPC), Bolsa Família, cestas básicas de alimentos, bem como o cadastramento e a regulação daqueles que recebem essas transferências de renda do governo federal.

O trabalho efetivado nesse equipamento, CRAS, através da oferta desses serviços, é a referência que Amália tem de campo de trabalho. Trata-se de uma referência constituída inicialmente com a vivência em um CRAS de Cariacica, devido ao estágio final realizado durante o ano de 2016.

escola, exército... elas nos estipulam e delimitam. A segunda, por sua vez, permite modificações, desvios, são mais moleculares, quase sinônimos de rebeldia, mas são ainda aceitáveis dentro da previsibilidade das linhas duras. Contudo, as flexíveis ainda não são como as linhas de fuga: estas são verdadeiros rompimentos de mudanças bruscas; são imprevisíveis e não precisam de modelos para serem inventadas – são pura experimentação do caos. As três linhas estão emaranhadas, coexistentes (DELEUZE, 1998).

³⁴ Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2017/11/01/deleuze-o-que-e-personagem-conceitual/>

³⁵ BRASIL, 2006

³⁶ BRASIL, 2005.

Salta-se aos olhos de Amália o desejo de conhecer o trabalho, talvez devido à presença de estudantes recém-formados em seu corpo, como uma tentativa de querer entendê-lo antes de se ver e se sentir “profissional”. Amália se vê, então, presente no universo das pesquisas a fim de conhecer o trabalho como um assunto de urgência para ser compreendido e estudado. Urgência porque se mostra como um novo momento, um novo ciclo. E o novo assusta; amedronta. Mas não a Amália. Esta quer lidar com o caos; enfrentá-lo. Na verdade, quem se amedronta é aquela que está em seu umbigo: Iara...

Amália se lança ao mestrado e carrega Iara consigo. Olhando de longe, parece um lançamento afoito a fim de suprir a urgência. Contudo, chegando mais perto, entende-se que não se trata apenas de suprir urgências, mas de uma insistência em se constituir no éthos e no caos que se irrompe; um caos chamado mundos do trabalho.

Constituída por uma multidão, Amália equivoca práticas e concepções à medida que conhece o trabalho. Ou seja, há conflitos no corpo de Amália, pois os equívocos que ela promove afetam diretamente esse povo que a compõe. O caos não está apenas nos mundos do trabalho; no corpo de Amália também há caos, devido à presença das multiplicidades/singularidades e das formas ordenadas que a povoam. Um encontro nada pacífico de forças marca o corpo de Amália. É assim que urge a ela a própria constituição na/com a experiência, sua ethopoiese. Esta constituição não pode ser confundida com um apaziguamento das forças que a perpassam. Sua ethopoiese se dá à medida que experiencia os mundos do trabalho; conforme se movimenta nas subjetividades que a povoam; conforme se encontra com as normativas do SUAS; conforme percorre os trajetos de pesquisa; conforme insiste numa vida aqui neste mundo.

Amália não é uma “profissional”: ela não tem carteira de trabalho, ela não tem diploma, ela não tem emprego... Mas Amália é uma trabalhadora. O que, então, legitima a atuação de Amália? O que a respalda para definir o que é o trabalho e o trabalhar? São os desassossegos e as inquietações por ela vividos nesse caos que são os mundos do trabalho, que a convocam a problematizar esses mundos.

É a partir das problemáticas por ela levantadas e analisadas que Amália se vê capaz e potente em forjar as ferramentas necessárias para transitar no caos, inventando modos vitais de criação. Ela é como o nômade³⁷: não tem terra e não tem mapa; é uma desterritorializada.

³⁷DELEUZE&GUATTARI, 2012.

E é justamente essa condição de desterritorialização³⁸ que constitui a relação do nômade com a terra e com os trajetos; é isso que faz de Amália uma nômade.

Amália se faz trabalhadora nessa sua relação com o trabalho: o problematiza, e nisso se mune de conceitos frescos, oriundos dessa problematização, para operar na realidade. Amália faz o trabalho tanto quanto é feita por ele. Como o nômade, ela é uma grande inovadora, pois, por estar sempre desassossegada com os problemas dos mundos do trabalho, está carregada de potência de criação.

Amália lança seus conceitos-ferramentas às problemáticas que a desassossegam e esses são disparados como flechas, provocando afecções nos corpos quando em contato com ela³⁹. Há a possibilidade desses corpos, quando encontrarem Amália, seja através desta narrativa ou em suas respectivas rotinas e expedientes, estarem blindados com a armadura de suas identidades: estudante, pesquisadora(dor), psicóloga(o), assistente social, gestora(tor), professora(or)... Porém, Amália não pede licença; suas flechas não pedem passagem. Assim, fica a questão: visto que as flechas de Amália serão lançadas, como elas afetarão? No que esses afetos reverberarão? Ninguém sabe responder de antemão; nem a própria Amália.

Iara e Amália – um diálogo possível

Somente quando Amália ganhou nome, corpo e características foi possível à Iara delinear caminhos para a análise dos dados da pesquisa. Iara seguia a ethopoiese de Amália situando-a nas vivências efetivadas no CRAS. Os dados foram colhidos por meio de diário de campo e gravações de áudio, produzidos ao longo de dois meses. Iara se disponibilizou a conhecer o CRAS⁴⁰ acompanhando alguns dos serviços ofertados aos munícipes de um território específico do município de Vitória. Além disso, Iara promoveu quatro encontros temáticos junto com as técnicas desse Centro para pensar alguns conceitos basilares da PNAS, tais como autonomia, vínculo, protagonismo e acolhimento.

³⁸ Movimento pelo qual se deixa o território. Mas não se trata de qualquer território; este possui um valor: o existencial. O território existencial circunscreve um campo familiar, protege do caos marcando as distâncias em relação a outrem (DELEUZE, 1998). Logo, a desterritorialização é o contato com o caos e rompimento das antigas circunferências existenciais.

³⁹ DELEUZE&GUATTARI, 2012.

⁴⁰ A pesquisa foi pra gerência dos CRAS de Vitória e três Centros de prontificaram a receber a pesquisa, ficando à cargo da pesquisadora a escolha de um desses CRAS para ser pesquisado. O critério de escolha foi por conveniência de localidade.

Iara foi seguindo a *ethopoiese* de Amália, perguntando aos dados: “*como Amália vivencia isso?...*” e ainda “*como Amália, sendo nômade, vê esse problema?*”. À medida que Iara questionava os dados relendo seus diários e ouvindo os áudios das gravações dos encontros temáticos, ela passou a se descolar de Amália gradualmente, e começou a perceber que Amália não era sua homônima na pesquisa, mas a própria pesquisa.

As respostas que emergiam desses questionamentos de Iara, um tanto solitários, poderiam ser chamados de *insights*, porém Iara sentia que eram mais do que isso: ela conversava com uma máquina de guerra, com um *devenir*⁴¹. Máquina de guerra essa que Iara percebeu que existia antes mesmo de nomeá-la de Amália.

Iara percebeu isso quando se recordou da dificuldade que teve em tatear o problema de pesquisa por diversas vezes: procurava um problema na transcendência.

Iara se lembrou de como se sentiu sofrer ao produzir um texto para o processo de qualificação da pesquisa. Tal processo se configurava como um momento de avaliação coletiva acerca do problema de pesquisa, do referencial teórico e da delimitação (mesmo que provisória) das ferramentas para a colheita de dados. A qualificação era, para Iara, como o momento de, conjuntamente com orientadores e outros aliados, avaliar o primeiro ano da pesquisa e projetar o segundo (e último) ano, por meio da leitura do projeto de pesquisa produzido por ela.

Iara se lembrou de como se debatia mentalmente e fisicamente para produzir tal texto, pois encontrava muitas dificuldades em traçar a problemática de pesquisa. Um problema de pesquisa, segundo os aprendizados de Iara, precisava ser significativo, real, coerente com a realidade. Enquanto se apegava a isso, tudo o que passava por Iara eram problemas que a faziam salvadora da pátria, propondo uma pesquisa cuja problemática seria *resolvida* de uma vez por todas, com a efetivação de *sua* pesquisa.

Ao se dar conta de que estava sendo tomada por essa ambição de solução e salvação daqueles que eram, para ela, sofridos trabalhadores da Assistência Social, percebeu que esse não era o caminho, pois o que a fez escolher o programa de pós-graduação em Psicologia Institucional era o fato de querer trilhar caminhos onde a pesquisa pudesse ser potente, rompendo com a ideia de descobrimento de verdades prontas e que desenvolvessem ferramentas de cuidado e promoção de saúde.

⁴¹ Mais a frente, no último capítulo, esses termos serão melhor discutidos.

Nesse barafustar de Iara, Amália emerge. Até então, Iara não a conhecia, mas ao se recordar desse sofrimento de problema de pesquisa, Iara começou a fazer ideia de que era Amália quem conduzia tudo. A emersão aconteceu através do orientador Raimundo⁴², que pediu a Iara para escrever tudo o que sentisse, o que viesse à mente acerca do que viveu durante o estágio naquele CRAS vivenciado no ano de 2016.

Nasceu, assim, o projeto de pesquisa.

Todo o ressentimento vivido no CRAS durante o estágio e toda a vontade de salvação e solução dos problemas foram colocados nesse projeto, fazendo dele muito mais uma ferramenta de cuidado do corpo-pesquisadora de Iara do que um texto a ser avaliado por critérios acadêmicos. Das 23 páginas escritas, apenas 3 se configuraram como o projeto em si: os objetivos da pesquisa, um esboço de uma proposta de método e o referencial teórico que embasaria a análise dos dados. Ou seja, Iara se lembrou de tal projeto como ter desembuchado 20 longas páginas de muito ressentimento e falsos problemas.

Aprovado no processo de qualificação, o projeto foi reorganizado por Iara, seguindo os acordos estabelecidos com os orientadores e aliados, para enviar ao comitê de ética e iniciar o processo de ida a um CRAS no município de Vitória. Essa reorganização levou 5 meses, pois não apenas o projeto estava sendo reorganizado, mas a própria Iara.

Enviado para comissão de pesquisa da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) e aceito para realização, o projeto de pesquisa possuía o objetivo de conhecer e entender a atividade de trabalho dos técnicos (psicólogos e assistentes sociais) efetivado no CRAS, no tocante ao acolhimento, vínculo e protagonismo pelo viés da Ergologia. E esse era o objetivo que Iara repetia sempre: apresentou às técnicas que a receberam ao CRAS, apresentou quando iniciou os encontros com elas, quando conheceu a nova coordenadora que chegou ao CRAS junto com o início de sua vivência institucional, e quando as técnicas que ainda não a conheciam participavam dos encontros temáticos.

Iara já havia perdido o cálculo de quantas vezes havia apresentado a pesquisa depois de tê-la qualificado. Ela se lembrou de como estava cansada de repetir, mas à medida que repetia, assentava nela o sentido de ali estar, o sentido de acordar mais cedo que o de costume para se encontrar com as técnicas e conhecer o trabalho. Iara não percebia esses sentidos, não

⁴² Raimundo: Significa "conselheiro protetor" ou "aquele protege com seus conselhos, com sabedoria". Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/raimundo/>

percebia nada, estava vivendo uma experiência enevoada. Estava cansada do CRAS e de mais uma vez falar de vínculo, assunto este trabalhado muitas vezes durante a graduação.

Mas, ao recordar esses episódios, Iara se tocou de que tudo não passava de estratégias de guerra da máquina de guerra Amália. Era Amália quem a despertava pela manhã, fazendo-a se aprontar e se disponibilizar aos encontros que faria ao estar com as técnicas.

Iara presumiu que essa sua lembrança, situando Amália como máquina de guerra que conduziu toda a pesquisa, foi a maior de suas quedas de ficha. Ela decidiu, com isso, ouvir mais uma vez uma de suas apresentações para as técnicas acerca da pesquisa, bem como reler seu diário de campo nas seções que falassem sobre seu cansaço em repetir os objetivos da pesquisa.

Iara selecionou o áudio do penúltimo encontro realizado com as técnicas, no qual estava registrada a sua apresentação mais recente da pesquisa, feita aos novos técnicos que estavam chegando ao CRAS em questão. A discussão do encontro havia sido interrompida para que as técnicas saudassem seus novos colegas de trabalho e para que Iara também se apresentasse a eles. E Iara escutou sua voz no áudio explanando a pesquisa de maneira resumida da seguinte forma:

– Estamos fazendo uma pesquisa com a abordagem ergológica, não sei se vocês conhecem a ergologia, uma abordagem que entende o trabalho como trabalho real e o trabalho prescrito, que são as normativas, as leis, né? E tem um abismo entre essas duas dimensões do trabalho: um abismo entre a prescrição e o real do trabalho. A atividade seria o que sai desse abismo. Tentamos acessar essa atividade no CRAS através do trabalho técnico que são os psicólogos e assistentes sociais e para isso fiquei uma semana acompanhando alguns dos serviços ofertados no CRAS e depois estamos fazendo encontros temáticos para conversarmos um pouco sobre o que eu acompanhei, sobre o trabalho e a ergologia também. Falamos sobre autonomia, vínculo, e hoje está sendo sobre ergologia. Os encontros estão sendo gravados. Só quem ouve a gravação sou eu, e sou orientada por Raimundo e Odina. Eles farão o processo de análise comigo, mas só eu tenho os áudios e só eu tenho acesso; isso está detalhado no Termo de Consentimento.

Iara pensou... refletiu... e começou a sentir que não era mais sobre Ergologia a pesquisa. Dessa sensação, Iara foi levada a outra memória de áudio. Se recordou de ter ouvido um silêncio em uma das gravações que havia transcrito, que de primeiro não a havia

incomodado, mas agora, ao estar refletindo acerca dos objetivos da pesquisa, e de como Amália seria uma máquina de guerra, Iara decide revisitar esse áudio.

Era o áudio de seu último encontro com as técnicas. Iara escutou assim:

– Alice⁴³, você pode reler a definição de autonomia que fizemos no último encontro?

– Disse Iara a uma das técnicas.

Tendo Alice lido o conceito, Iara logo perguntou:

– Como vemos autonomia nisso tudo que discutimos hoje?

Silêncio.

Iara voltou o áudio para entender o que estava acontecendo antes de pedir que relessem o conceito de autonomia e antes de fazer sua pergunta. Iara ouviu poucos segundos antes e percebeu que havia saído do curso da conversa, sendo que o assunto da vez era de como Alice não queria trabalhar após o nascimento de seu neném e de como ela se sentia privilegiada em poder escolher ficar em casa e não ter que trabalhar.

Iara “escutou” o silêncio no áudio e percebeu que, mesmo ali, presente com as técnicas, lançou uma pergunta transcendente. Iara, com isso, se questiona não apenas a transcendência de sua pergunta, mas também do conceito de autonomia, de vínculo, de protagonismo, de acolhimento... questiona-se da transcendência da própria pesquisa. Tal questionamento a faz lembrar as repetidas e cansativas apresentações da pesquisa e se recorda que, enquanto (re)apresentava, tudo fazia sentido: as vivências, os encontros temáticos com as técnicas, as orientações..., porém, naquele momento enquanto ouvia o áudio, Iara sentiu que ali tais conceitos já não eram mais cheios de sentido. Seus sentidos já haviam sido ruminados à medida que rerepresentava a pesquisa.

Um tanto indignada, mas sentindo estar no caminho certo de pensamentos, Iara decide revisitar seu diário de campo. Encontra um grifo que dizia:

“escrever sobre eu apresentar a pesquisa variadas vezes, e como isso foi importante para eu entender minha presença aqui no CRAS”.

⁴³ Os nomes que designam as trabalhadoras técnicas do CRAS foram escolhidos por elas – menos Luísa que, infelizmente, não estava presente no dia da escolha dos nomes. Creio que Luísa se identificará: foi um nome inventado com muito carinho, creio que ela saberá de onde tirei. É importante destacar que não caracterizei as personagens que apontam as técnicas do CRAS para que não fosse possível identificá-las.

Iara começou a entender que repetir a apresentação era apenas uma forma de conseguir se sentir localizada no CRAS; localizada nos seus objetivos de pesquisa; localizada no mestrado e no seu lugar de pesquisadora. E por assim sentir, fazia sentido estar ali e continuar, mesmo que por variadas vezes não quisesse mais, não quisesse mais pesquisar o trabalho na Assistência Social; até do mestrado Iara havia pensado em desistir. Contudo, quando repetia a apresentação, suas desistências logo se dissipavam.

Iara gritou, como louca, pois estava sozinha em casa com seu computador e cadernos:

– Gente, Amália é quem fez tudo! Amália existia antes mesmo de eu inventá-la! Ah, Amália, sua sorrateira... me fez chegar até aqui com muitos pretextos, só para eu falar dos conceitos que mais me tomaram durante a graduação: ética, máquina de guerra e trabalho.

Com isso, Iara se sentiu confortável para falar em voz alta com Amália, como se esta se fizesse presente em cada encontro com as técnicas, em cada orientação com Raimundo e Odina, bem como em todo o processo formativo de Iara.

Iara traçou rotas, mas Amália a conduziu por atalhos. Assim, a pesquisa foi iniciada com uma configuração metodológica, mas logo se desconfigurou e se reconfigurou.

Amália precisava de Iara no mínimo presente no CRAS para que o trabalho mais à frente fosse corporificado, para que uma pesquisa fosse realizada com sentido, pois sem a colheita dos dados, Amália jamais poderia se fazer visível e audível. Logo, Amália usou pretextos para manter Iara no campo de intervenção; para manter Iara em contato com as técnicas, com os orientadores e com os interlocutores teóricos, mesmo que fosse mínimo.

Autonomia, vínculo, protagonismo e acolhimento, foram apenas pretextos para a realização da pesquisa no trabalho socioassistencial; pretextos para estimularem assuntos com as técnicas e com os orientadores; pretextos válidos o suficiente para gerarem interesse em Iara para continuar a pesquisar, para estudar a Assistência Social, para imaginar a produção de uma dissertação potente que, para ela, fizesse a diferença na realidade.

Iara, então, descobriu a sedução de Amália com seus pretextos quando viu a transcendência de sua pergunta feita às técnicas ao sentir um silêncio falante; quando viu que os conceitos tiveram seu lugar na pesquisa e agora seus sentidos já haviam sido esvaziados para continuarem a compor o objetivo da pesquisa.

Sem o receio de ser chamada de maluca pelos vizinhos, Iara interrogou à Amália:

– *Afinal de contas, do que se trata esta pesquisa?* – Questionou ela cansada de “redescobrir” o problema que a fez iniciar o mestrado. Amália ouviu a angústia de Iara, estando esta ainda com fone de ouvido e o áudio em pause, e respondeu a ela pela via da escrita enquanto Iara ainda anotava sua dúvida:

– *Ética; trabalho; máquina de guerra.*

– *Mas, como vou amarrar isso? Qual a relação entre esses conceitos? Eu preciso saber!*

Amália, dessa vez, se fez gentil e doce:

– *Acalme teu coração; paciência... À medida que produz a dissertação, esses conceitos vão se conectando. Agora você não mais precisa de pretextos para se manter ativa. Posso falar com você nitidamente, então escute: sua disponibilidade para a escrita é, agora, o mais importante nesta pesquisa. Eu irei costurando, apenas não atrapalhe⁴⁴.*

Iara passou, assim, a se conectar com aquilo que fala sobre metodologia, relendo seus cadernos das disciplinas, seus trabalhos feitos para estas, suas orientações com os professores... enfim, sem forçar o que poderia entrar ou não na composição da dissertação. Amália começou a se fazer presente no ato de circular um trecho, na escrita de um asterisco e na associação de ideias.

Iara se disponibilizou, e Amália emergiu fazendo traçados em escritos cronologicamente velhos, mas intensamente atuais. Iara foi se dando conta de que toda a pesquisa foi feita por Amália: foi ela quem desenhou as ferramentas de colheita dos dados, conversou com os teóricos e produziu o arcabouço teórico, selecionou as cenas que produziram a dissertação e mobilizou uma escrita-narrativa permitindo que sua existência fosse propagada.

Desviando os olhos de Iara do alto e trazendo-os para a terra, Amália munuiu-se de pretextos como iscas para que Iara finalmente chegasse até ela; para que finalmente os verdadeiros problemas ocupassem um lugar de destaque através de uma dissertação de mestrado. Discutir a ética, o trabalho, a máquina de guerra, a pesquisa-intervenção são alguns

⁴⁴ São 8 princípios da esquizoanálise, e o número 1 é: NÃO ATRAPALHE ou ainda NÃO IMPEDIR; “Ficar, justamente, na adjacência da mudança em curso e extinguir-se tão logo possível” (disponível em: https://issuu.com/luizguilhermefonseca/docs/guattari_-_os_oito_princ_pios_da_e).

elementos que compõem o atual problema para o qual Amália seduziu Iara. E essa sedução é entendida por ela como a própria metodologia da pesquisa.

Cumplicidade que analisa o trabalho

Iara e Amália montam agora uma cumplicidade para pensar o trabalho como *atividade*, entendendo-a como exercício de liberdade, como ética. Elas, então, passam a analisar os dados da pesquisa entendendo que não se estuda sobre, mas pesquisa-se COM. E no tocante ao trabalho, essa ideia se faz ainda mais forte para elas: pensar o trabalho é sempre pesquisar COM. Assim, nessa empreitada, vai se fazendo possível para Iara e Amália se debruçarem sobre o que elas vão entendendo como basilar para conhecer o trabalho e para acessar sua gênese histórica: a análise de implicação, entendida por elas como uma postura fundamental no tocante à ethopoiese; é através dessa análise que elas poderão corporificar e contar sua própria constituição.

O termo ‘análise de implicação’ já era velho para Iara, contudo, ela aprendeu a colocá-la em prática à medida que se fazia cúmplice de Amália, pois esta nômade perseguia o sentido daquilo que interessa à criação de novas formas na instabilidade das instituições, questionava o propósito das formas produzidas nas instituições, o que muitas vezes passavam despercebidos por Iara.

Iara já sabia que implicação, nesse termo, não se tratava de um engajamento, mas daquilo que liga/atravessa o campo de forças, constituindo valores, interesses, desejos, crenças que formam a realidade⁴⁵. A análise de implicação, assim, seria a análise desses atravessamentos, da relação com essas formas.

Porém, Iara apenas sabia da análise de implicação enquanto termo. O conheceu enquanto conceito, isto é, enquanto ferramenta, quando se tornou cúmplice de Amália.

Estando elas como de costume de frente para o computador e pesquisando maneiras de selecionar os dados a serem discorridos na futura dissertação, Amália viu a dificuldade de Iara para colocar em prática aquilo que já “entendia” sobre implicação, e logo começou a conversar com Iara sobre o que o conceito ‘análise de implicação’ remetia e as convocava a pensar. Amália disse:

⁴⁵PASSOS et al, 2010.

– *O conceito de implicação surge de uma tentativa da Análise Institucional dar conta de nomear uma dinâmica das relações que não possui posições bem localizadas como sujeito-objeto, terapeuta-paciente, por exemplo. Inicialmente, a Análise Institucional tomou o conceito de contratransferência com o intuito de indicar que toda uma rede de afecções é ativada na dinâmica coletiva-institucional, não apenas acionada e acessada pelo terapeuta, psiquiatra, isto é, pelos especialistas, aqueles que ocupam o lugar de saber. Porém, Iara, o conceito de transferência e contratransferência ainda projetavam uma noção de relação dual, bem marcada: o lugar do analista e o lugar do analisando⁴⁶.*

– *Nossa, Amália, você foi longe na explicação... está me contando até a origem dos termos... por favor, chegue logo em como vamos fazer análise de implicação; o tempo é curto, já estamos atrasadas por demais com o texto* – disse Iara, um tanto nervosa com a calma de Amália.

Amália fingiu não perceber o estresse de sua cúmplice e continuou sua história com a calma de uma senhora idosa que conta histórias vagarosamente a um neto:

– *Ao forjar o conceito de implicação, o sociólogo Rene Lourau ampliou a ideia da relação analista-analisando ao salientar um campo implicacional: uma relação que se configura muito mais entre forças do que entre formas, sendo uma dinâmica que se faz por contágio, propagação, e não por decisão e vontade de alguém. Assim, é inaugurado com a implicação um campo conceitual que entende as fronteiras como não sendo fixas e nem rígidas⁴⁷.*

– *Interessante isso, Amália. Então podemos dizer que as coisas podem ter suas formas mudadas; as coisas podem não ser mais coisas e virarem outro: podem ser ‘trens’, ou ‘troços’...?* – Disse Iara colocando a ansiedade de lado ao perceber que Amália havia começado a falar sobre algo que poderia ser muito importante para a dissertação.

E Amália respondeu:

– *Esse ‘coisas’ ou ‘trens’ nós designamos de instituições. Com essa noção de campo implicacional entendemos as instituições como aquilo que se produz num campo de forças, de tensão entre movimentos instituintes e instituídos. Campos de forças que naturalizam e*

⁴⁶PASSOSet al, 2010.

⁴⁷ROMAGNOLI, 2014.

*cristalizam e outros campos de forças que insurgem contra a estratificação e naturalização, são os campos instituídos e instituintes que constituem as instituições. Assim, Iara, forças que tendem à manutenção do que se é e outras forças que revoltam essa manutenção, abrindo caminho para a criação de outras formas, é que são as instituições*⁴⁸.

– *Amália, eu me lembro de uma metáfora que li dizendo que as instituições seriam como estátuas de areia: compostas por grãos que imperceptivelmente estão em movimento; têm o mar a sua frente com a iminência de desmanchar essa estátua a qualquer momento, por mais estática e firme que essa estátua pareça estar. Posso seguir essa lembrança?*⁴⁹ – Disse Iara agora bastante atenta ao assunto e sentindo importante manter o diálogo iniciado por Amália.

– *Pode sim, Iara. Agora sobre o que você mais queria tratar: a análise de implicação é o que nos permite acessar esse paradoxo das instituições; que nos permite acessar esses campos instituídos e instituintes e perceber o movimento dos grãos de areia dessa estátua. Pois, é a implicação que denuncia que os efeitos são/estão numa produção coletiva de valores, expectativas, crenças, deflagrados em nós pelas instituições. A análise de implicação, portanto, produz um conhecimento acerca das instituições que nos permite agir nelas, pois se trata de uma análise daquilo que nos liga a elas – as implicações*⁵⁰.

– *Amália, muitas vezes aquilo que é considerado como desvio e erro que, para alguns, impedem a produção de uma pesquisa, como os sentimentos, emoções, acontecimentos, são então apreciados pela Análise Institucional como dimensões importantes para a análise de implicação*⁵¹. Então, essa análise será sempre falar daquilo que é deixado à sombra; aquilo que é comumente silenciado sendo colocado de lado, como as falas de corredor, os papos numa cafeteria...⁵².

– *Isso mesmo, Iara* – respondeu Amália se sentindo muito acolhida na conversa com Iara.

⁴⁸ BARROS, 1994.

⁴⁹ BARROS, 1994.

⁵⁰ ROMAGNOLI, 2014.

⁵¹ COIMBRA & NASCIMENTO, 2007.

⁵² LOURAU, 1993.

Amália percebeu Iara já exausta e insinuou deixar para o dia seguinte a continuação da conversa. Na verdade, ela também estava cansada, puxou longe o início do conceito de análise de implicação. Mas, onde de fato Amália queria chegar era conversar sobre como as duas fariam a seleção dos dados: quais deles entrariam ou não na dissertação.

Disse Iara a Amália:

– *Pode continuar Amália, sinto que não chegamos ainda onde você queria. Estou a...teeenn...tar...* – Boceja Iara enquanto ainda falava. Ela confia muito em Amália e mesmo estando já com sono e cansada, prefere estar na companhia de sua cúmplice de pesquisa e ouvir mais o que Amália tinha a dizer.

– *Tudo bem, mas vou falar um pouco mais rápido, porque senão você não vai ouvir tudo: pode acabar cochilando em cima do computador...* – Disse Amália sorrindo para Iara.

E ela continuou:

– *Implicado sempre se está! Pois, a implicação não é uma questão de vontade ou ato voluntário: a implicação é uma relação sempre estabelecida com as instituições⁵³. Porém, quando examinamos um único nível/dimensão ou um único objeto temos o que chamamos de sobreimplicação, que dificulta enxergar, pensar e conhecer o jogo de forças que as instituições se encontram; dificulta perceber a gênese das instituições no entre do revolucionário do instituinte e do conservador do instituído⁵⁴. Então, Iara, muito cuidado! Não se foge ou se evita a sobreimplicação, trata-se de colocá-la constantemente em análise. Fui informada de que as forças da sobreimplicação vêm de todos os lugares e para que a análise se dê é preciso que a cada momento os horizontes da escuta e da sensibilidade sejam alargados⁵⁵. Entendeu, Iara? Iara...?*

Iara já havia dormido na primeira frase proferida por Amália.

Raiando o novo dia, acordou Iara e foi direto para sua salinha de casa com computador. Releu os esboços da dissertação e logo se recordou de que havia cochilado no meio da fala de Amália. Ela não se importou muito com o seu feito, pois sabia que Amália era

⁵³ COIMBRA & NASCIMENTO, 2007.

⁵⁴ COIMBRA & NASCIMENTO, 2007.

⁵⁵ ABBÊS E COIMBRA, 2002.

cúmplice. Iara entendia que Amália trabalha e é por ela viver desse verbo que Iara se colocava como aprendiz para conhecer o trabalho através de Amália.

Iara ligou o computador e sem cordialidade retomou de onde havia parado:

– *Amália, eu sei que eu estava dormindo, mas eu me lembro: você falava de sobreimplicação. Achei interessante esse termo..., mas, podemos logo chegar onde queremos chegar, que é como selecionaremos os dados dos áudios gravados e do diário de campo?* – Disse Iara com uma postura diligente, mostrando que estava mais do que disponível para trabalhar naquela pesquisa, como nunca antes esteve.

Amália respondeu:

– *Claro, Iara, mas antes eu preciso te situar que, como você percebe a importância da sobreimplicação, é fundamental colocarmos em análise a própria instituição da pesquisa: seus sistemas, seus riscos, seus procedimentos metodológicos, bem como os fundamentos epistemológicos que a embasam...*

– *Amália, é muito importante isso. Então, no fim das contas, serão confrontados os critérios de cientificidade como a universalidade e objetividade nessa pesquisa que estamos desenvolvendo, bem como a ideia de separação entre o pesquisador e objeto de estudo; o paradigma da implicação é indispensável às vertentes de pesquisa que reconhecem a complexidade dos fenômenos sociais, como essa pesquisa que fala de trabalho e de ética que estamos fazendo.*

– *Acho que é isso! Legal que a gente esteja tendo esta conversa aqui, porque a gente precisa lembrar que não estamos falando só para nós mesmas... Estamos conversando com muitos e tentando contar algumas histórias para tantos outros... Então, assim, estamos conversando sobre conceitos forjados pela Análise Institucional, mas também vamos usar a Esquizoanálise, por isso acho importante diferenciarmos as duas abordagens: a Análise Institucional e a Esquizoanálise são oriundas do movimento institucionalista, um movimento plural que reúne diversos saberes e práticas sem se limitar a uma escola de pensamento. A diferença reside nos escritores-referência de cada uma e no foco operacional dos conceitos. A Análise Institucional, com René Lourau e Georges Lapassade, focaliza seu trabalho em fazer surgir o instituinte; e a Esquizoanálise, com Gilles Deleuze e Félix Guattari, busca liberar o processo produtivo-desejante-revolucionário, através de manejos singulares, o que*

os escritores chamam de micropolítica⁵⁶. A cartografia, que é a proposta metodológica da micropolítica, diz de estarmos atentos a como se dá a reprodução e a criação numa realidade específica, se atentando aos cortes e conexões que acontecem nessa realidade, aos arranjos das formas e das forças aos quais o objeto de pesquisa pertence olhando para os caminhos que o desejo percorre; para as linhas que compõem a realidade.

Iara logo respondeu a colocação de Amália:

– Ah, esse negócio de linhas... eu sei do que você está falando: são aquelas linhas que Deleuze apresenta como linhas de segmentaridade dura, flexíveis e de fuga. É isso?

– Isso!! Somos formadas por essas linhas, não é? Não somente nós, mas toda a nossa realidade, penso... As instituições também são demarcadas por essas linhas. Então, se vamos analisar os “dados” da pesquisa, que são nossas conversas e encontros com as técnicas dos serviços socioassistenciais, isso nos coloca como analistas, e toda analista é uma analista institucional, sempre analisamos instituições, acessando a dimensão paradoxal de suas constituições. Mas, também olhamos para a micropolítica, para essa dimensão constituinte de nossa realidade formada por essas linhas.

Amália percebeu o semblante de dúvida de Iara, e logo se antecipou antes que esta a questionasse. Iara, numa tentativa de se mostrar entendida acerca do assunto, arriscou uma colocação:

– Nós usamos o diário de campo como ferramenta de produção dos dados, Amália, além dos encontros temáticos gravados. Sei que essas são ferramentas comuns da Análise Institucional, mesmo assim o que faremos será seguir as linhas de fuga que aparecem nesses dados, ou melhor, perseguiremos as linhas que compuseram o diário e os encontros com as técnicas do CRAS... é isso?

– Eu sou ótima em seguir linhas de fuga - Amália disse dando uma risada – Te adianto em dizer que as linhas de fuga irão se mostrar no diário e nos áudios das gravações como aquilo que escapa, que foge ao padrão. A linha de fuga é uma desterritorialização. Não existe nada mais ativo do que uma fuga, não é mesmo Iara⁵⁷? A fuga é como um delírio, pois sai dos eixos. Então, as linhas de fuga aparecerão nos dados para nós como aquilo que é

⁵⁶ ROMAGNOLI, 2014.

⁵⁷ DELEUZE, 1998.

estranho e arriscado, e pode ficar tranquila, Iara, porque eu sou ótima em rastrear essas linhas. Eu vou sinalizando para você: tudo aquilo que se mostrar como interessante a você, aquilo que saltar aos seus olhos, chamando sua atenção, é porque eu passei por ali, isto é, é porque é uma linha de fuga a ser falada na dissertação – disse Amália, muito animada.

– Entendi, Amália, então ficarei atenta àquilo que convocar minhas lembranças e pensamentos acerca de textos, conceitos, dúvidas, pois se trata de deixar que os movimentos produzidos nesse processo de pesquisar me surpreendam⁵⁸ – disse Iara, tão animada quanto sua cúmplice.

– Mãos à obra, Iara: hora de reler os diários e ouvir as gravações – e Amália saiu correndo para ler o diário antes de Iara, pois ela deveria ir a frente sinalizando as linhas de fuga dos dados, e ela fazia sua tarefa cantarolando assim:

*A arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades⁵⁹.*

Era intenção de Amália inspirar o caminho de analista de Iara, como uma preparação do corpo para estar sensível aos sinais deixados nos dados. Amália tem uma *expertise* de tornar o importante em interessante para que as problemáticas sejam percebidas e analisadas na imanência. E assim as duas trabalharam: Amália seguindo as linhas de fuga e Iara colhendo suas pistas ao reconhecer algum episódio do diário e das gravações como interessante. Ao fim dessa tarefa, Amália e Iara haviam selecionado alguns episódios que denominaram de ‘Cenas do Trabalho’. Não foi fácil chegarem a esse termo para designar uma parte da dissertação. Elas tiveram algumas dificuldades com preposições. Disse Iara:

⁵⁸PEZZATO & L'ABBATE, 2011.

⁵⁹BARROS, 1996.

– *Nós selecionamos momentos específicos e que não estão ligados cronologicamente; não seguem corretamente o dia em que cada fato aconteceu. Vamos chamar de cenas, o que acha? Como num filme: há cortes temporais, e mesmo assim a gente entende no final.*

Respondeu Amália:

– *Sim, adorei a ideia. Mas, como num filme, não é qualquer cena que é colocada. Há uma ligação entre as cenas. Sinto que a ligação é o trabalho. Todas são cenas que retratam o trabalho em ato, e assim sendo, estamos acessando a dimensão ética, que é a dimensão do exercício de pensamento, estamos escancarando o processo da ética ao contarmos do trabalho como atividade nesses episódios que selecionamos.*

– *Que tal ‘Cenas de Trabalho?’* – Disse Iara olhando para o alto e gesticulando com as mãos como dando nome a um letreiro de cinema.

– *Não sei, Iara... esse ‘de Trabalho’ dá a entender que as demais cenas da dissertação não serão de trabalho, somente essas cenas. Não existe essa de ‘agora é trabalho’ e ‘agora não é trabalho’. É como a ética: se é humano, é ético. Está na vida. Então não podemos usar essa preposição ‘de’* – disse Amália um tanto preocupada, pois havia gostado da ideia de Iara, mas sabia que tal ideia não poderia ser confundida.

– *E ‘Cenas do Trabalho?’* – Disse Iara, sentindo ter mudado tudo ao trocar apenas uma letra.

– *Nossa, Iara, perfeito! Assim, toda a dissertação se constitui como trabalho, porém, nesse capítulo, ‘Cenas do Trabalho’, estará mais explícito o exercício de pensamento e nossa ethopoiese como trabalhadoras e perseguidoras das linhas de fuga.*

CAPÍTULO 2

Cenas do Trabalho

Cada problema tem a solução que merece

Era o segundo encontro que estava sendo realizado com as técnicas do CRAS. O tema principal escolhido a priori era acerca do conceito de autonomia – tratava-se de produzirem juntas esse conceito. Mas, todas se voltaram de novo ao vínculo, tema do primeiro grupo. Retornaram ao tema com Luísa:

– Eu fui remanejada para este CRAS. Antes, era a técnica responsável pelo SCFV⁶⁰ em outro CRAS que atendia os adolescente do território.

Luísa não contou de uma maneira fria, mas de uma maneira muito quente; muito viva; como se ainda estivesse presente na vida desse “antigo trabalho”. E de fato estava presente. Luísa continuou:

– Os adolescentes que eu atendia no SCFV me fizeram um convite para prestigiá-los numa apresentação cultural que eles faziam nesse antigo CRAS e eu aceitei o convite. Porém, os técnicos de lá pediram para que eu não aceitasse mais os convites dos adolescentes, que eu esquecesse, porque isso estava dificultando o trabalho deles. Eles precisavam se desligar de mim para formar vínculos com os técnicos que me substituíram.

Luísa continuou sua história afirmando que, até então, não tinha aceitado as solicitações dos adolescentes e dizendo que também não estava aparecido nesse antigo CRAS. Contudo, o vínculo de Luísa com os jovens existia:

– Aqueles jovens possuem meu número de telefone e mantêm contato comigo. Minha relação com eles não pode ser simplesmente esquecida. Eu estive lá, eles fizeram parte da minha vida. Eu aceitei a solicitação de amizade de uma menina pelo facebook. Eu não sou mais assistente social dela, então agora eu posso ser sua amiga, pois construímos um laço de confiança.

Teresa, então, replicou a história de Luísa:

⁶⁰ O SCFV, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, é um serviço ofertado pelo CRAS que visa a promover os vínculos comunitários através de encontros que funcionam como oficinas. Os munícipes participam das oficinas distribuídos conforme a faixa etária: crianças, adolescentes e idosos, tendo a legislação como crivo das idades de cada grupo. Os educadores sociais são os trabalhadores que orientam e gerem as oficinas. O SCFV não é ofertado apenas no CRAS, necessariamente; se assim for, independente do local onde é desenvolvido o serviço, necessita-se estar referenciado ao CRAS cuja abrangência de atendimento atinge o local onde estiver sendo realizado o SCFV.

– *Eu agiria numa situação como essa de modo diferente. Mesmo não sendo mais a referência técnica de uma adolescente, eu jamais aceitaria uma solicitação de amizade, pois, querendo ou não, eu ainda seria uma figura de exemplo e deveria, assim, ter que passar a cuidar dos conteúdos postados em meu Facebook.*

Luísa pareceu hesitar... E então apresentou o exemplo de uma situação, não deixando muito claro se realmente aconteceu ou se era apenas hipotético:

– *Se uma adolescente precisasse de uma ajuda na escola, ajuda esta de caráter burocrático-assistencial, e ligasse para mim, eu poderia ajudar? Eu preciso separar a Luísa assistente social e a Luísa amiga, confidente... Como amiga, até que ponto posso interferir e cuidar dessas questões que deveriam ser cuidados por uma assistente social?*

– *Parece que temos uma problemática interessante aqui* – compareceu Amália, que não só sabe farejar um problema como emerge dele. Ela continuou:

– *Uma situação em que a separação não se faz muito facilmente, e se se faz, acaba prejudicando alguma coisa dessa relação. Como pensar a separação das figuras – a assistente social e a amiga, se ambas estão no mesmo corpo, numa mesma história? Quem trabalha é a assistente social? E do que é feita a assistente social? Ela tem um corpo, tem uma história, ela tem vida? Eu gosto desses paradoxos... Problemas como esse não são feitos para serem resolvidos, eles servem para pensarmos com o sentido, quer dizer, com o que sentimos à flor da pele...*

Iara ficou um tanto indignada com a fala impulsiva de Amália. Pensou com ela mesma: “*Como ela pode falar essas coisas num momento tão delicado do grupo, o grupo precisa de uma resposta, uma resposta clara. E por que ela não me consultou antes de dizer isso? Afinal, de onde Amália tirou essas ideias?*”.

Amália sentia, antes de mais nada. E, ouvindo o que sentia, havia passeado por alguns escritos de Deleuze e quando se deparou com tal problema se lembrou da seguinte citação do filósofo:

(...) um problema tem sempre a solução que merece segundo as condições que o determinam enquanto problema; e, com efeito, as singularidades presidem à gênese das soluções da equação. (...) não dizemos que, por isto, o problema é resolvido: ao contrário, ele é determinado como problema⁶¹.

⁶¹ DELEUZE, 2015, p.57.

Amália então continuou:

– Não se trata de responder a pergunta “como separar as duas figuras que estão num mesmo corpo, numa mesma história?”, não se trata disso.

Vazio de palavras: houve um silêncio logo depois de Luísa afirmar a problemática ao grupo. Mas, ninguém pareceu ouvir Amália, ninguém nesse momento a percebeu. Estavam todos muito intrigados com o problema, e mesmo se ela gritasse, ninguém a daria ouvidos. Ela então, dessa vez, preferiu sussurrar para Iara

– Você entenderá num momento oportuno, no momento de escrita, quando a pele está mais porosa e os sentidos mais sensíveis, quando estiver ouvindo a gravação de áudio deste grupo.

Iara, que se arriscava escritora, retornou aos áudios, e o retorno à memória produz porosidade. Amália, então, aproveitando a abertura possibilitada pelo ato da transcrição, ato de retorno à memória do grupo, buscou uma conversa com Iara:

– A pergunta “como separar?”, só pode ser solucionada em ato, no acontecimento de Luísa sendo questionada pela adolescente pedindo ajuda burocrática na escola. Aí sim, ter-se-ão as palavras, as ações, a gestão; que seja uma “resolução do problema”.

Amália pensa a “resolução dos problemas” entre aspas, porque após gerida a situação, outra circunstância virá, pois, a problemática ainda insiste em existir. Há uma certa eternidade na problemática. Foi Deleuze⁶² quem a contou isso; uma problemática que estará a todo tempo convocando a movimentações sempre que emergir. Ou seja, outros momentos como esse exemplificado por Luísa emergirão, momentos em que será questionado como separar as coisas: a amiga da assistente social; a colega de trabalho da confidente... eterno problema – “como separar”. Mas, a cada situação em que tal problema aparecer, haverá uma solução – local e situada. E tal solução emergirá assim como emergiu o problema, mobilizando os elementos que o momento apontar como devidos para a forja da solução.

Amália gosta de chamar de ‘forja da solução’, e não ‘encontrar a solução’: a solução será produzida, não descoberta. A solução não está pronta, está na própria problemática suscitada; solução que se faz enquanto se trabalha, enquanto Luísa conversa com a

⁶² DELEUZE, 2015.

adolescente e junto com ela vê os possíveis caminhos para o momento – por isso, “todo problema tem a solução que merece”.

Amália não apenas fala com Iara como aponta com os dedos para o verbo ‘separar’ – o verbo da questão “como separar?”. Ela mostra que é um tempo verbal que não tem passado nem futuro. Tem apenas acontecimento⁶³, ou seja, a problemática persiste. Para arrematar sua colocação, ela finaliza:

– E assim como as soluções não suprimem os problemas, mas, ao contrário, encontram aí as condições subsistentes sem as quais elas não teriam nenhum sentido, as respostas não suprimem de forma nenhuma a pergunta, nem a satisfazem, e ela persiste através de todas as respostas - falou com um ar de sabichona, para depois dizer que leu isso no livro Lógica do sentido⁶⁴.

Humaniza CRAS

Era um dia importante para Iara: era o último encontro que faria com as técnicas do CRAS. Sentia a responsabilidade de fazer uma devolutiva ao grupo com tudo o que já pensava sobre os dados colhidos nos demais encontros, mas o tempo era muito curto para poder derramar suas proto-análises. Iara decidiu, então, selecionar apenas alguns pensamentos para servirem de disparadores de conversa.

Como de costume, encontrou as técnicas na sala de reunião, que era conhecida como refúgio de frescor: era a única sala com ar condicionado do prédio do CRAS. Logo, era um local de trabalho: regido por encontros, conversas, descanso... e agora, por pesquisa.

Iara iniciou sua fala retomando a noção de vínculo, já conversada em outros encontros. E como esse havia sido o assunto que mais percorreu as trocas com as técnicas, Iara decidiu retomar tal tema. Para sua não-surpresa, as técnicas fizeram variadas colocações, mas houve um momento em que Amália apareceu, e, isso sim, surpreendeu Iara ao ouvir os áudios; ela não havia percebido que Amália estava lá.

⁶³ O acontecimento não é algo nem temporal, nem espacialmente ordenável. O “verdejar”, o “amanhecer”, o verbo no infinitivo é o acontecimento. Não possui uma materialidade precisa. É como o caos, porém a relação do acontecimento com o caos é o da extração de funções que permitem produção de sentidos; diferente da Ciência, que a todo instante quer ordenar o caos (DELEUZE, 1998).

⁶⁴ DELEUZE, 2015, p. 59.

Maria Elisa comentava com o grupo sobre a importância do vínculo para o trabalho, ultrapassando o que ela chamou de ‘vínculo profissional’. Disse Maria Elisa:

– *A gente pode até já ter um vínculo profissional, mas depois de um tempo é importante criar outro vínculo, ter um olhar mais humano. Tanto nós, como técnicas, quanto os coordenadores do CRAS.*

Amália então brotou na conversa, mas se fez audível somente à Maria Elisa. Ela a fazia perguntas:

– *Como assim, ter um olhar mais humano?* – Perguntou Amália.

– *É ter que se aprofundar. Por exemplo: existe a munícipe que tem um marido, a outra já é solteira, uma outra que cuida dos pais... e eu só sei disso porque eu tenho vínculo e é nessa relação que vou conhecendo os conceitos de família de cada um que atendo, para então conseguir desenvolver o que o PAIF nos pede, que é o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários* – respondeu Maria Elisa à Amália, contudo se dirigindo às demais que ali estavam para fazer todas participarem do assunto.

Então, Amália perguntou:

– *Entendo a importância de se aprofundar na vida do munícipe atendido, mas, o que isso tem a ver com o vínculo profissional que você anteriormente estava falando?*

– *Quero dizer: se precisamos olhar além o munícipe, como faremos isso se não conseguirmos olhar para além do profissional que tenho do meu lado? Preciso olhar para além as minhas colegas de trabalho também. Preciso conseguir olhar além da psicóloga, além da assistente social... não somos um produto; não somos máquinas. Somos de humanas, então temos que ser humanas* – Maria gargalhou e se sentiu bem satisfeita com a colocação, pois percebeu trazer um pensamento importante, como se fosse reverberar mesmo com o fim dos encontros promovidos por Iara.

Mas Amália é incansável. Continuou cutucando Maria Elisa, sentindo que poderia tirar ainda mais dela. Ela então provocou:

– *Há consequências nesse ‘ir além’, você sabe disso, não é mesmo?* – Cutucou Amália.

– *Ah, Tábata sempre foi muito humana com a gente; tão humana que adoecia* – disse Maria Elisa, agora não mais sorridente, mas olhando para cima e se recordando das experiências que vivenciou com sua antiga colega de trabalho, Tábata.

Iara se fazia de espectadora, mas pensava consigo mesma esse ‘olhar além’ de Maria Elisa. Ela refletia que isso se remeteria a uma disponibilidade tão alta aos encontros que alargava sua vulnerabilidade e tornava-se passível de sofrer, adoecer. Começou a se recordar das técnicas do primeiro CRAS que frequentou enquanto ainda era estudante da graduação, tentando identificar adoecimentos que podem ter sido consequência desse ‘olhar além’, dessa ideia de ser mais humana.

Iara foi embora nesse dia com isso na cabeça: ‘ser mais humana’. Caminhando na rua, remontando na mente as falas de Maria Elisa, questionava-se sozinha:

– *Mas, ser mais humana é possível? É possível, antes de tudo, ser menos humana?*

– *Claro que é, Iara. Se toca!* – Irrompeu Amália no pensamento de Iara, e começaram a conversar no meio a rua.

– *Igual aquele tal de “Humaniza SUS”, eu não me conformo com aquilo! Gente, são pessoas, precisam ser atendidas como tal* – disse Iara indignada.

– *Iara, se existe uma cartilha, na verdade uma política de governo, a fim de garantir um atendimento de saúde integral, que faz do usuário também um ser de saber, que tem história, que possui mais conhecimento sobre sua vida do que um médico, é porque isso não estava acontecendo.*

– *É absurdo isso, gente...* – Disse Iara e logo foi sendo interrompida por Amália:

– *Eu sei, e que bom que você se assusta com isso. As pessoas se espantam quando um atendimento mais humanizado acontece, seja na saúde, seja na Assistência Social. Agradecem como se os técnicos estivessem fazendo favores a eles, mas não, é direito desses cidadãos receberem um atendimento humanizado. E como Maria Elisa disse: uma humanização entendida como ‘ir além’, se aprofundar... eu diria mais: seria acessar a história das pessoas. Pessoas com histórias são consideradas como gente. Você não se lembra, Iara, que aquela frase inescrupulosa “bandido bom é bandido morto” é nada mais nada menos que um efeito de retirar a história de um sujeito, restando a ele apenas a categoria de bandido?*

– *É verdade né, Amália... não havia pensado nisso...* – Disse Iara balançando a cabeça vagarosamente, concordando e processando a colocação de Amália.

E Amália continuou:

– *A história da pessoa são as as relações que ela experimenta. E as relações são como cores: tem intensidades de tons, tem espectros. Não perceber isso é virar um homem-máquina, aquele que não se dá conta da sua própria história. Aí acaba sendo necessário virar lei e política de governo um atendimento que necessariamente já deveria ser humanizado. Estamos vivendo uma humanidade daltônica, Iara, que não enxerga os tons e as cores que são as variadas relações, o que acaba levando a moralizações. Nessa pesquisa que estamos desenvolvendo procuramos acessar a dimensão histórica do trabalho, isto é, as relações produzidas, usando os dados colhidos nos encontros para mostrar o exercício de pensamento que acontece enquanto se trabalha. Como bem disse Maria Elisa, não somos máquinas, o trabalho é do humano, assim como a ética* – disse Amália a Iara. Esta, com o coração mais acalmado, foi para casa com a alegria de um novo aprendizado.

Trabalhamos com vidas!

Era o segundo encontro com as técnicas do CRAS. Nesse dia, a discussão estava cheia de falas, poucos hiatos entre uma fala e outra. Muitas vezes, houve tentativas de vozes se sobressaírem, mas todas as vozes se faziam audíveis e passíveis de conversa, de troca.

Nessa troca quente de vozes diferentes, Luísa resgatou a memória de uma época em que os coordenadores do CRAS possuíam acesso aos relatos dos atendimentos no sistema. Esse acesso fazia Luísa se sentir vigiada, não apenas pelo fato de ter outro acessando seu trabalho no íntimo de um atendimento, mas porque, segundo ela, correções ortográficas e gramaticais eram cobradas dela e dos demais técnicos. Essa vigilância impedia seu trabalho técnico, pois acabava transformando-o em um trabalho endurecido, reduzido ao português e às fórmulas gramaticais.

– *Trabalhamos com vidas!* - Exclamou Luísa. *Se fosse para trabalhar com fórmulas eu faria faculdade em ciências exatas.*

Amália, emergiu no grupo cobrindo o silêncio que surgiu após essa fala de Luísa. Numa tentativa de brincadeira com essa ideia de análise gramatical feita pelos coordenadores, Amália quebrou o silêncio já chamando a atenção para o verbo da primeira sentença:

– *Qual é a conjugação do verbo na frase proferida pela Luísa? Parece-me que é a primeira pessoa do plural.*

Amália deixa de sussurrar e grita:

– *Ora, ora, ninguém trabalha sozinho! Trabalhamos sempre coletivamente.*

Foi um grito vindo da memória: se atentar para a pessoa do verbo ‘trabalhamos’ a fez se lembrar de um conceito-ferramenta que conhecera em um de seus encontros com os escritos de Yves Schwartz, filósofo especialista em análise do trabalho. Amália não é como Schwartz, especialista, mas junto com ele pôde produzir ferramentas para ajudá-la a operar nas problemáticas dos mundos do trabalho. E o conceito-ferramenta é este: ‘usos de si por si e usos de si pelos outros’.

Amália se recordou das colocações de Schwartz⁶⁵ e continuou sua fala, tomada pela memória de Schwartz, de maneira bem categórica:

– *Não existe execução de trabalho, mas sim, uso; é sempre uso. É uma mobilização deliberada, não uma mera reprodução. Mobilização de ‘si’, ‘uso de si’, entendendo esse ‘si’ como um sábio desconhecido⁶⁶, como o desejo de saúde, de abrir no cotidiano espaços de produção; um ‘si’ que faz uso dos seus gostos, pensamentos, da sua história, levando cada ato de trabalho a ser único em cada trabalhador⁶⁷. Assim, o trabalho convoca todo o ser do trabalhador, com seus vastos recursos e capacidades, muito mais dos que os que aqui podemos sinalizar; muito mais do que as tarefas de trabalho requerem.*

E a recordação continuou em voz alta:

– *‘Uso de si pelos outros’ se remete à ideia de que há ‘outros’ presentes nesse emaranhado de escolhas que o trabalhador gere, como os colegas de trabalho, os que recebem o serviço. Mas não são apenas os ‘outros’ que estão imediatamente próximos, são também os que regulamentam o trabalho formulando as prescrições e normativas e os avaliadores, por exemplo⁶⁸.*

Amália se recordou, assim, de como o trabalho se faz, ao mesmo tempo, de uma maneira individual e coletiva, sendo algo totalmente singular. Uma memória que para ela às

⁶⁵ SCHWARTZ, 2007.

⁶⁶ HOLZ & DE FÁTIMA BIANCO, 2014.

⁶⁷ SCHWARTZ, 2004.

⁶⁸ HOLZ & DE FÁTIMA BIANCO, 2014.

vezes se faz simples, outras, um tanto complicada de pensar essa dualidade de ‘usos’ no trabalho. Entretanto, com sua excelente memória, Amália lembra que Schwartz dizia: “*é precisamente porque há ao mesmo tempo esses dois momentos, ou essas duas polaridades do uso, que todo trabalho é problemático – problemático e frágil – e comporta um drama*”⁶⁹.

Amália, percebeu, assim, que o ‘trabalhamos’ expressado por Luísa não foi à toa. A palavra pronunciada exprime muito além da pessoa verbal. É claro que um olhar gramatical ajudou a enxergar esse além, contudo, um encontro com Schwartz e a Ergologia ajudou Amália a montar e contar a paisagem desse além que o ‘trabalhamos’ evoca.

Continuando a análise gramatical da frase proferida por Luísa, Amália identificou a preposição ‘com’ e assinalou:

– *Luísa não falou que trabalha ‘as vidas’, nem ainda ‘sobre as vidas’, ou ‘para as vidas’. Luísa trabalha(mos) ‘com as vidas’. Tal preposição, retira toda possível ideia de passividade dessas ‘vidas’; o com descreve um trabalho que se faz lado a lado, de mãos dadas – que se faz com ‘usos’ – junto às vidas que esse trabalho de Luísa encontra. Retira toda ideia de passividade das vidas com quem ela diz trabalhar. Pinta uma imagem de um estar junto ativo, que está na ação de trabalhar tanto dos trabalhadores quanto das vidas. E são vidas. Plural. Múltiplas vidas. Não são meras pessoas. Não são meros munícipes, são vidas: culturas, gostos, jeitos, pensamentos, famílias, valores, crenças, corpos, almas... é isso que a palavra “vidas” traz.*

Mais parecia um monólogo; e de fato assim o era. Mas, mesmo assim, isso não impedia Amália de continuar sua análise, agora não mais gramatical:

– *Luísa terminou a frase dizendo: “se fosse para trabalhar com fórmulas eu faria faculdade de exatas”. Não a sinto diminuir o trabalho feito por fórmulas, como são os trabalhos das ciências exatas. Mas, ciências sociais são ciências ‘das vidas’ e sua complexidade. Logo, demandam trabalhos igualmente das vidas, quero dizer “com as vidas”, e trabalhos tão complexos como as vidas o são. Pelo fato das ciências sociais serem complexas, precisam de métodos complexos de trabalhos complexos e não do transporte de operações que se dão em fórmulas, como ocorre com as ciências naturais e exatas. São vidas inexatas, trabalhos inexatos.*

⁶⁹ SCHWARTZ, 2007, p.7.

A olhos e ouvidos nus, havia um silêncio na sala logo depois de Luísa ter expressado sua frase. Contudo, com olhos e ouvidos de um corpo cartográfico, era nítida a análise de Amália, bem como a percepção de que cada trabalhadora entendia o que Luísa dizia e o que Amália endossava.

Flagrante

Iara estava em sua casa ouvindo os áudios das gravações, mais especificamente o áudio do terceiro encontro com as técnicas do CRAS. Estava se sentindo agradecida por tê-los gravado, pois ainda conseguia se recordar de sensações e pensamentos que viveu nos encontros com as técnicas. Na verdade, ela estava mais agradecida pelo fato das técnicas terem aceitado a presença do gravador, pois quando Iara havia proposto a gravação, algumas técnicas relutaram inicialmente em aceitar a proposta. Iara, então, se recordou de como foi esse processo, principalmente da técnica Teresa, que dizia:

– Eu não sei o que pode acontecer no futuro com algum conteúdo que eu disser. Pode acabar se voltando contra mim. Já vi muitos casos de técnica fazer um comentário nada ofensivo, e isso virar fofoca e acabar em punição.

Ao se lembrar disso, recordou-se também de Maria Elisa que, em contrapartida à consideração de Teresa, não se opunha à proposta de gravar os encontros:

– Eu, por mim, tudo bem. O que eu tenho que falar eu falo mesmo.

Porém, Iara sabia que não poderia forçar o uso do gravador. Ele só seria possível se todas, em unanimidade, aceitassem que os encontros fossem gravados. Iara se lembrava de como tentou confortar as técnicas com a ideia da gravação:

– Gente, eu serei a única a ter acesso a essas gravações. Nem mesmo Raimundo e Odina terão acesso à íntegra do conteúdo que produziremos aqui. Eles apenas ajudarão na análise. Os nomes de vocês não serão expostos. Se vocês quiserem posso, também, não identificar o CRAS pesquisado. Eu digo apenas que foi em Vitória.

Iara se lembrou de como essa sua tentativa de conforto poderia não ter gerado conforto algum. Ela então pressentiu que não teria o recurso da gravação na colheita dos dados, e logo informou às técnicas que ficaria tudo bem se não utilizasse o gravador. Iara se recordou que naquele momento ela questionava, em mente, a forma como a gestão na Proteção Social

Básica de Vitória levava os comentários e críticas dos técnicos dos CRAS's: "*será que não se pode nem pensar sobre o trabalho sem que alguém pessoalize as análises e as colocações? ... gente, cadê a autonomia no trabalho?*", pensava Iara.

– *Realidade!* – Sussurrou Amália no pé do ouvido de Iara ao se deparar com essa lembrança.

– *Nossa, Amália, você aqui... eu estava revisitando o áudio do terceiro encontro. Pensei que você estivesse passeando pelos dados, deixando suas pistas. Eu já estava indo seguir seus rastros neste áudio* – disse Iara animada com a presença de Amália.

– *É, Iara, eu estava nesse áudio também e queria poder escutá-lo junto com você. Quando estava chegando perto de você eu ouvi esse seu pensamento... não pude deixar passar.*

– *Por que, Amália? Foi tão ruim assim?*

– *Não que seja tão ruim, mas ele é o início do que chamo de 'titubeio de transcendência': se seguir aquela ideia, vai começar a vagar num olhar transcendente e voltar a querer buscar somente alegrias no trabalho.*

– *É, Amália... muito difícil não seguir o caminho da transcendência; se é que posso chamar de caminho, porque caminhos estão no chão. A transcendência não fala desta terra, não fala do aqui e agora; tem mais a ver com voos extra-terrestres do que com caminhos... Muito obrigada por não deixar passar esse 'titubeio' meu. Já cansei de buscar falsos problemas* – disse Iara com gratidão, entendendo aquele alerta de Amália como um cuidado.

– *Tudo bem, Iara. É importante não somente para você, mas para toda a pesquisa, que titubeios como esse sejam possíveis de ser percebidos. Não nego a existência deles... eles sempre existirão. Então, não se sinta mal; não é um erro seu. Como você mesma pensou: não pessoalize. Somos bombardeadas o tempo todo com falsos problemas, nos incitando a termos respostas claras e rápidas a esses; é claro que uma vez ou outra tentaremos respondê-las, é muita pressão sobre nós. Mas, é importante que estejamos atentas.*

Elas se abraçaram. No abraço, Iara chorou... Naquele momento ela percebeu que, por inúmeras vezes, vislumbrou um dia estar apenas problematizando e inventando soluções para os verdadeiros problemas; repetidamente se imaginou alcançando um corpo-pesquisadora perfeito que somente trilharia pesquisas onde a transcendência não mais a atravessaria... Iara chorou nos ombros de Amália pois, naquele momento, sentiu um alívio de não ter que buscar

essa perfeição. Com o alerta de Amália, Iara percebeu que até mesmo buscar esse corpo-pesquisadora era mais que um ‘titubeio de transcendência’, já era a transcendência no seu mais alto nível de sobreimplicação. Ao não ter que se incumbir de se livrar dessa tarefa cíclica-viciosa-transcendente, Iara se sentiu aliviada. Ela estava cansada e, assim, chorou emocionada. Um choro paradoxal: Iara chorou de cansaço pelo peso da sobreimplicação, mas também de alegria ao conseguir colocá-la em análise.

Amália sentiu as gotas em seu ombro e então decidiu respeitar o tempo de Iara. Amália sempre diz que há tempo para tudo, e naquele momento ela acolheu o tempo de Iara, abraçou-a mais forte e somente recebeu suas lágrimas com gratidão, ao sentir que naquele momento Iara reafirmava a cumplicidade das duas com aquele gesto de cuidado em forma de lágrimas.

Quando Iara já estava recomposta e se prontificando à escrita, motivada a continuar a percorrer os dados do áudio do terceiro encontro, Amália disse:

– *Tem uma coisa que eu quero muito te mostrar nesse áudio... é um flagrante!* – Disse ela com olhos brilhantes e ao mesmo tempo instigantes, a fim de despertar a curiosidade em Iara. E continuou ela:

– *Ouçã a partir daqui... o que você ouviu?* – Disse Amália enquanto manipulava o reprodutor de áudio, selecionando o segundo específico para que Iara ouvisse.

E Iara escutou a seguinte fala (era a voz de Alice):

– *Nós utilizamos máscaras em todo atendimento, na verdade, ao longo do nosso trabalho. A gente vem para o trabalho escolhendo uma máscara, ‘ah hoje eu vou ser a Alice psicóloga’. Aí eu tiro essa e coloco outra: ‘agora vou ser a pastora’. Nossa vida é uma vida de cobrança de comportamentos, né? Todas essas são a Alice. Mas nós precisamos usar máscaras. Nem sempre nós estamos completos, se a gente traz toda a bagagem de casa para dentro do trabalho, e do trabalho para dentro de casa, vamos ter conflitos entre nós mesmos e com quem a gente convive.*

E Amália perguntou a Iara:

– *Está ouvindo isso?*

Iara respondeu:

– *Sim. Nossa, essa questão aí de ‘máscara’ vai dar um caldo importante na dissertação. Dá para a gente falar sobre simulacro também, eu me lembro de ter lido em um livro da Regina Benevides⁷⁰ sobre o uso de máscaras. E essa questão aí de cobrança que ela falou, noooooossa, a gente pode falar...*

Amália interrompeu:

– *Não, não. Você ainda não ouviu. Escute de novo – disse ela enquanto voltava os segundos do reprodutor de áudio para que Iara mais vez o ouvisse. Repare na voz ao fundo, é Teresa falando ao telefone.*

E Iara escutou Teresa no áudio e esta dizia assim:

– *Oi, Bom dia. Eu poderia falar com a Dona Olga? É daqui do CRAS, tudo bom?... ah... isso, até as 15 horas. Nada, eu quem agradeço, senhora. Muito obrigada, viu? Tchau, querida.*

Tendo ouvido a fala de Teresa, Iara gargalhou e falou com Amália:

– *Minha nossa, Amália. Eu me lembro da Teresa nesse dia, ela estava muito cansada e ainda tinha muito trabalho a fazer; tanto que nem pôde participar do encontro. Ela ficou no fundo sala, com o computador e telefone resolvendo muitas tarefas ao mesmo tempo... eu me lembro, Amália. Nossa, como Teresa estava cansada naquele dia. Mesmo assim, ela estava sendo muito simpática no telefone com os munícipes. Mal sabiam eles que aquela voz cordial e calorosa era de um corpo cansado e batalhador tendo que continuar a tarefa com a máscara “bom dia, senhor” ou “bom dia, senhora”.*

– *Trabalho em ato, Iara. Você viu que incrível: enquanto Alice ainda falava sobre a importância do uso das máscaras, para continuar trabalhando sem sucumbir, Teresa as usava. É como um beijo entre a teoria e a prática! Isso é o que eu chamo de trabalho em ato*
– Disse Amália com uma voz alegre.

E Iara respondeu:

– *De fato é um flagrante e tanto! Olhe aí como foi bom termos gravado os encontros. Nossa, minha gratidão por esse gravador só aumenta: olha quanta coisa pudemos produzir com essa ferramenta, que somente o corpo naquele momento presente não pôde...*

⁷⁰ BARROS, 1994.

– *As técnicas foram muito corajosas, Iara. Havia muitos riscos no uso dessa ferramenta. Você se lembra do que elas falaram sobre isso: se alguém com um pouco mais de poder acabasse pessoalizando as colocações delas, punições poderiam acontecer. E você entende quando elas falam de punição: não se trata de uma punição formalizada, uma advertência, mas sim, uma mudança na formação das equipes, por meio do remanejamento de CRAS, enviando para Centros mais distantes ou com ainda menos recursos, você se lembra disso?* – Disse Amália agora com voz preocupada a fim de exaltar a coragem das técnicas e também de fortalecer tal lembrança em Iara, com o receio desta estar considerando por demasiado o gravador e se esquecer dos riscos que tal ferramenta havia levado às técnicas do CRAS pesquisado.

– *Claro, Amália. Eu me lembro. E você está certíssima em ressaltar isso. Não podemos nunca perder isso de vista. Eu me lembro também de quando estava montando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual, segundo as normas, é necessário explicitar os riscos que a pesquisa traz ao participante, e eu pensava comigo, “risco nenhum, gente, como assim? Uma pesquisa só traz benefícios...”. No fim das contas, Amália, esse trecho do áudio não nos fez ver apenas o beijo entre teoria e prática, mas também perceber que assistir esse beijo pode ter consequências que antes eu imaginava serem apenas positivas.*

Amália ouviu Iara e balançou a cabeça em sinal de confirmação, dizendo:

– *Assistimos a um flagrante. Mas, flagrar tem seus riscos...* – Disse ela enquanto saía da presença de Iara e voltava para os dados a fim de continuar suas andanças pelas linhas de fuga.

Sozinha, Iara encerrou o assunto dizendo a si mesma um tanto contente:

– *Essa Amália... veio lá de longe dos áudios só para desterritorializar-me...*

“Onde deixo minha bolsa?”

Era um dia de muito ânimo: segunda-feira. Esse dia iniciava uma semana importante para Iara. Uma semana que era vislumbrada por ela como uma vivência institucional para conhecer um pouco dos serviços ofertados no CRAS. Iara já havia combinado com as técnicas sobre essa semana de acompanhamento do trabalho delas: participaria de atendimentos

individuais, de grupo de famílias, de planejamento de trabalho... Seriam cinco dias junto com as técnicas, participando, por 4 horas a cada dia, de seus trabalhos.

Iara estava muito animada. Ela percebia aquela semana como a semana mais importante da pesquisa: para ela, seria o início de um vínculo com as técnicas. Não só isso: para Iara, essa semana também iniciaria uma vinculação das técnicas com a própria pesquisa.

Nesse dia, Iara saiu do CRAS transbordando de alegria por ter sentido a pesquisa como iniciada, e também por conhecer um novo CRAS, novos técnicos, novos familiares, tudo muito diferente de como ela havia experimentado em Cariacica, em seu ano de estágio na graduação em Psicologia.

Para Iara, tudo estava indo bem nessa segunda-feira de sol: se sentia confortável para fazer perguntas às técnicas, estava comprometida e animada com as próximas idas ao CRAS... Porém, a animação começou a perder seu lugar para a preocupação no dia seguinte.

Terça-feira. Esse dia seria ainda mais lembrado e revivido por Iara ao longo de toda a pesquisa; mais do que aquela segunda-feira. Nesse dia, Iara havia combinado com as técnicas de assistir ao grupo de “descumprimento”, que se tratava de uma reunião na qual as famílias acompanhadas pelo CRAS que haviam rompido alguma condicionalidade do benefício de transferências de renda do governo federal eram convidadas a participar para serem orientadas quanto às medidas a serem tomadas após essa falta no cumprimento das condições.

Iara chegou ao CRAS naquela terça-feira se direcionando para o espaço onde aconteceria o grupo. Chegou e sentou, sem passar pela recepção e sem falar com as técnicas. Iara pensava consigo:

– É melhor eu já ir me sentindo de casa, assim ficará mais fácil para as técnicas conversarem comigo sobre o trabalho delas quando começarem os encontros temáticos; elas ficarão mais confortáveis, e eu também, se eu for uma pessoa mais de casa para elas... é, mas tem a questão do estrangeirismo, né?... não posso perder isso de vista: o estrangeirismo é importante para equivocar o óbvio e questionar aquilo que se tem como mais natural no ambiente que está sendo pesquisado... mas é importante eu me sentir de casa também, precisamos de confiança; elas precisam confiar em mim e eu nelas para que...

O pensamento foi interrompido quando a técnica Mary saudou a todos com um ‘bom dia’ cheio de simpatia. Iara olhou ao seu redor e viu que estava cheio de mulheres, com pastas

de documentos e bolsinhas de mão; ela olhou para si mesma e se viu com uma bolsa enorme em seu colo...

Desconforto.

Iara estava sentada junto com as mulheres enquanto as técnicas estavam de pé apresentando as condições do benefício federal. Iara se percebeu como uma ouvinte da apresentação, mas não como as mulheres atendidas que poderiam ter dúvidas e expor ao grupo. Iara viu que o objeto destoante que fomentava sua percepção de pessoa alheia nesse grupo era a bolsa em seu colo.

Ela se sentia sobrando naquele lugar. A bolsa estava pesada para Iara naquele momento: estava pesada de vergonha, por de não se ver pertencente a nenhuma das posições ali possíveis - nem técnica, nem família atendida.

A fim de, pelo menos, abraçar o único lugar que lhe restava, Iara sacou de sua bolsa uma caderneta e começou a anotar a primeira frase que ouviu ao destampar a caneta e esta rabiscar o papel; tentava, assim, assumir a pesquisadora que era naquele espaço. Mas, isso não foi suficiente para diminuir o peso da bolsa em seu colo.

Terminado o grupo, Iara se dirigiu às técnicas e juntas elas foram para a sala de reunião. Iara não ouviu nada acerca do que as técnicas conversaram após o grupo, ela só pensava consigo:

– *Preciso dar um jeito nessa bolsa, urgentemente.*

Para Iara, ela foi embora naquela terça-feira da mesma forma que entrou: segurando a bolsa, ora com o colo, ora com os ombros; não se sentiu conhecer nada novo, não se sentiu criar vínculo. Pelo contrário, sentiu que a bolsa foi o impedimento do dia para que um vínculo se produzisse. Iara foi para casa indignada, sentindo que havia perdido o dia.

Quando já era noite, Iara se preparava para dormir. Como de costume, ela consultou sua agenda para saber das tarefas a serem realizadas no dia seguinte. Nessa noite ela fez mais do que consultar. Iara adicionou uma nova tarefa: “*missão: resolver onde deixar a bolsa*”. E assim, ela foi se deitar determinada.

Iara se deitou. Virou para um lado, para o outro, de barriga para cima, de barriga para baixo. Ela não conseguia dormir. Estava inquieta. Ela não parava de projetar imagens da bolsa em variados lugares no CRAS. Imaginava-se, também, iniciando a pergunta a alguma técnica pedindo direcionamento sobre onde colocar a bolsa. Nessa insônia tentando resolver qual seria o melhor caminho para essa sua saga com a bolsa, Amália apareceu e a questionou:

– *Mulher, mas que dificuldade gratuita. Você sabe que não vai resolver isso assim, sozinha. Essa saga aí é coletiva, você precisa falar com as técnicas* – Disse Amália a Iara, como quem tentava dormir, mas fora impedida pela emergência de uma questão para Iara que a localizava de novo no seu umbigo.

– *Essa bolsa está me atrapalhando e se eu não resolver isso logo, vou acabar atrapalhando o futuro da pesquisa* – Respondeu Iara indignada com Amália.

– *Você lembra do CRAS de Cariacica? Você deixava sua bolsa onde as técnicas deixavam as delas. Por que não faz isso?* – Questionou Amália.

– *Porque eu vou ter que falar com elas e não sei se eu estou preparada para me vincular de novo com um CRAS. Será que é isso mesmo? Será que esse é o único caminho?* – Falou Iara num choramingo.

– *Óbvio que você vai ter que falar com elas. Mas uma coisa é certa: preparada nunca se está; nunca estamos preparados. Nós metemos a cara, para não dizer o corpo inteiro, para então sabermos como vamos lidar com a situação* – disse Amália. *Eu estou entendendo que essa sua vontade de deixar a bolsa em algum lugar não se trata de uma mera forma de permitir que tenha as mãos mais disponíveis durante seu acompanhamento no trabalho das técnicas. Estranho você andando durante quatro horas pelo CRAS com uma bolsa grande e pesada, não é?*

– *Sim, Amália, é péssimo isso.*

– *Péssimo COMO, Iara?*

– *Ah, porque é muito ru...*

– *Não, Iara, péssimo COMO, não POR QUE?* – Interpôs Amália.

– *É... É...*

– *Sim, responder um COMO é um tanto difícil mesmo: é um acesso à dimensão corporal; uma maneira de acessar aquilo que se sente na sua dimensão processual e não na sua forma estática, que geralmente nos leva a procurarmos causas e consequências para tudo... A ethopoiese opera pelo COMO.*

– *Ao estar segurando a bolsa enquanto vivo o CRAS, enquanto pergunto às técnicas sobre o trabalho delas e os serviços ofertados, parece que eu estou pronta para ir embora a qualquer momento; parece que eu não quero estar ali e eu não quero que elas pensem isso. Não quero que meu corpo pense isso, Amália. De tanto pensar que posso não querer estar ali, poderei acabar realmente sentindo isso; posso acabar querendo ir embora logo e atrapalhar minha vinculação com elas, o que por sua vez, pode comprometer a produção dos dados da pesquisa – disse Iara como um desabafo.*

– *Compreensível, Iara. Mas, primeiro: ‘comprometer a produção dos dados da pesquisa’ não existe. Essa saga da bolsa já são os ‘dados produzidos pela pesquisa’. Não tem essa de dados limpos, dados bons, dados certos ou errados. Tem-se dados. Sua parcialidade na pesquisa, seu sofrimento com a bolsa é a pesquisa. Segundo: concordo que devemos resolver essa questão da bolsa; mas por uma questão corporal sua, pois talvez ela esteja dizendo de como você está se constituindo na relação com este trabalho... A bolsa no colo pode estar te convocando a pensar em COMO você está se relacionando com as técnicas do CRAS, com a pesquisa de mestrado, com o TRABALHO... Talvez esteja cristalizada no corpo a ideia de que “vou dar uma olhadinha ali, “naquele” trabalho e já estou voltando para o meu mundinho protegido...”*

Iara fez silêncio... Respirou profundamente... Engoliu a secura da boca, sentiu um aperto no peito e uma dorzinha na barriga. Sair do umbigo, crescer, dói. Dar-se conta da amplitude do plano de imanência, de sua constituição, no exercício de pensamento, das transformações a correrem em seu corpo, também dói, cansa... A vida não é só alegria. Entregou-se ao sono acolhendo essas sensações.

No dia seguinte, Iara acordou atrasada; a insônia havia tomado muito do seu tempo na noite anterior. Chegou ao CRAS com cinco minutos de atraso, mas o “grupo de acolhimento”, que era uma reunião para apresentar aos munícipes os serviços ofertados no equipamento, já havia acabado. Iara, enquanto ainda chegava ao CRAS, com sua bolsa nos ombros, se chocou com Rita, que a cumprimentou:

– *Ei! Já estamos subindo para as salas de atendimento. Hoje você vai ficar comigo, não é mesmo?*

– *Mas já acabou o grupo?* – Interrogou Iara.

– *Sim, é rapidinho.* – Respondeu Rita sorrindo. – *Vamos subir?*

– *Sim, onde deixo minha bolsa?* – Iara perguntou rapidamente para Rita já tirando a bolsa dos ombros com um semblante enérgico como se fosse correr uma maratona. Iara sentiu o momento oportuno para a difícil pergunta, pois percebeu que a técnica estava mais preocupada em dirigir os munícipes para a sala de atendimento do que com ela e sua bolsa, assim, não perceberia o seu semblante lamurioso ao soltar a penosa pergunta.

– *Pode deixar lá na nossa sala; todas nós deixamos lá* – respondeu Rita, possivelmente sem saber que aquela pergunta tinha o poder de tirar o sono de alguém.

Iara se alegrou com o local sugerido por Rita: o mesmo local que ela e as demais deixavam suas bolsas. Para Iara, isso era sinônimo de ‘você é uma de nós’. Mesmo não sendo formalmente uma das técnicas, esse pertencimento fazia com que Iara percebesse que a pesquisa também estava sendo acolhida e, na cabeça ansiosa dela, isso ajudaria a promover um debate mais participativo nos encontros.

Então, Iara participou dos atendimentos com Rita, se percebeu muito mais presente e se sentiu cada vez mais vinculada às técnicas. Despediu-se tão alegre naquele dia que, quando buscou a bolsa na sala onde havia a deixado, expressou em voz alta:

– *Você me deu um trabalhão hein?! Agora sim é sua hora; vamos embora* – disse ela para a bolsa.

Não havia ninguém por perto que a impedisse também de gargalhar alegremente como se houvesse vencido uma batalha contra a bolsa. Enquanto Iara caminhava para fora do CRAS, despontou sua cúmplice:

– *A batalha vencida não foi contra a bolsa, mas contra a zona de conforto, contra os territórios existenciais, contra o medo do enfrentamento do novo, contra a dor de se refazer. E foi a vitória da gestão de outras formas de habitar o trabalho, da desterritorialização; foi a vitória do nomadismo. Nossos inimigos, hoje derrotados, ainda estão aqui. Foram vencidos*

nesse ato. Mas é esse ato que importa, pois dele abrimos caminhos para aprender, e nosso principal aprendizado você bem sabe qual é, Iara: trabalhar. Aprende-se a trabalhar trabalhando – disse Amália, tão feliz quanto Iara.

CAPÍTULO 3

Devir-Amália

Uma última narrativa em cena

Iara estava em sua casa relendo seus cadernos antigos da graduação, a fim de despertar memórias que possivelmente a ajudassem a pensar a pesquisa. Nesse momento de poeira e muitos papéis pelo chão, Iara se recordou de como sempre vira os trabalhadores da Assistência Social como trabalhadores sofridos.

Sendo a Assistência Social entendida por muitos como a prima pobre do tripé da Seguridade Social (Assistência, Previdência e SUS⁷¹), Iara via os técnicos como sofrendores do sucateamento nacional dos serviços socioassistenciais. Ela se recordou disso ao reler sobre unidades básicas de saúde em um de seus cadernos do sexto período de psicologia.

Ao rememorar, Iara viu que iniciou seus trabalhos de pesquisa compreendendo a investigação científica como uma ação de ajuda e respiro a esses trabalhadores, pois se tratava de pesquisa-intervenção. Intervenção essa entendida por ela como a construção de uma proposta de solução para o problema de sofrimento e sucateamento.

Mais tarde, Iara foi se dando conta, no/com o trabalho, que a pesquisa-intervenção está bem longe da ideia de solução de problemas ou de ajuda “àqueles” trabalhadores sofridos. Efeito de um mundo constituído por processos de individualização e culpabilização, a fácil compreensão de pesquisa científica como resolução de problemas por parte de um grupo (ou uma pessoa) iluminado pelo conhecimento verdadeiro; e de intervenção como a ajuda aos “necessitados” por parte de um grupo (ou uma pessoa) com “superioridade” econômica e social que se “compadece” (ou se culpa) desses “pobres” sofrendores, é desnaturalizada pela proposta de pesquisa-intervenção da Análise Institucional, com a análise de implicação. Quer dizer, sem análise de implicação nesses processos de dominação, exploração e mistificação, não há pesquisa-intervenção.

A análise de implicação foi se constituindo como uma postura em Iara, à medida que conhecia Amália. Com Amália, Iara passou a ter cuidado com os ‘titubeios de transcendência’, com essa perspectiva de técnicos em constante sofrimento. Amália, uma multiplicidade, essa alteridade que nos habita, falou à Iara por meio de cada uma das técnicas com quem ela esteve.

⁷¹ Sistema Único de Saúde.

Assim, foi com uma fala de Rita que Iara conseguiu repensar seus titubeios e também transformar as noções que possuía acerca da vida e da beleza no/do trabalho. Em um dos encontros do grupo temático, Rita lhe disse:

– Eu vou fazer 15 anos de CRAS...

Rita continuou a sua fala, mas Iara não mais a escutou. Ela disparou a pensar acerca dessa informação: 15 anos. Iara pensava consigo:

– 15 anos não são 15 dias, nem 15 meses. São 15 anos, gente! É muito tempo sofrendo...

– Como assim, 15 anos sofrendo? Você julga que o trabalho na assistência social é só sofrimento? – problematizou Amália.

– No começo do meu ingresso no mestrado eu achava que uma pesquisa no CRAS produziria momentos de respiro dessa infelicidade que é trabalhar com a prima pobre da seguridade social... piorou, CRAS, que é a porta de entrada dos usuários ao SUAS; é ponta de todo o sistema: é ali que chegam todas as reclamações e dúvidas dos munícipes; sem contar o péssimo salário que não corresponde à quantidade de trabalho demandado e o embargo de verba para aquisição de recursos. Preciso entender como isso acontece: trabalhar 15 anos e se dedicar, como Rita se dedica nesse tipo de trabalho... tem algo aí nesse trabalho que mantém Rita ali, trabalhando – pensou Iara, a partir das questões de Amália.

– ‘...Que mantém Rita vivendo’, você quer dizer, não é? Há dor na vida, Iara. Mas há alegrias também. Viver é uma grande gestão. Lembra que a gente conheceu com Schwartz que há debate de normas constantemente no trabalho? Não é a vida, também, um grande debate de normas?

– Nossa, Amália, então posso continuar falando ‘trabalho é vida’? Odina vai me matar! – Disse ela preocupada, pois Odina sempre a questionava para torcer tal ideia e sair do automatismo de repetir o termo como sinônimo de alegria e felicidade, que constantemente Iara exprimia.

– Penso que pode, Iara. Mas se for com esse sentido: tristezas, dores, alegrias, cansaços; tanto a dor quanto o prazer estão na vida. A gestão disso tudo é a própria vida. E gerir é trabalhar.

– *Eu costumo falar que trabalhar é manejar... manejo. Mas Raimundo me corrigiu dizendo que eu devo chamar de gestão.*

– *Sim, Iara, é gestão. Eu que pedi ao Raimundo para te falar isso. Você não me conhecia ainda; estava apegada demais a “outras bolsas”, não estava disponível a mim: estava com medo de sair de sua zona de estudante e se perceber tão trabalhadora quanto as técnicas dos CRAS’s que você vivenciou; estava com medo de sofrer.*

– *Trabalho é vida, Amália... trabalho é vida. Olha que lindo! Ah, é mesmo: e o ‘trabalho é lindo’, eu também costumo falar isso...*

– *Realmente é lindo: é meu desejo e sina – continuou Amália. É belo porque tem interlocutor; o trabalho é belo porque posso partilhar: nunca trabalhamos sozinhas.*

– *O trabalho é vida! O trabalho é belo – disse Iara.*

Continuava Iara a exclamar a beleza e a vitalidade que conheceu no trabalho. Largou seus cadernos antigos e, emocionada, anotou em seu rascunho de dissertação:

‘São dramáticas que são belas. Sim, o trabalho é lindo, mas agora sem o romance que outrora eu defendia. O trabalho é lindo porque há compartilhamento de saberes, de fazeres, há um coletivo que luta cotidianamente por uma liberdade, o que muitas vezes denominamos de autonomia. É belo ver a liberdade em seu movimento processual seja como trabalho-CRAS, seja como trabalho-pesquisa’.

Iara releu esse seu rascunho e percebeu como caía sempre numa armadilha: olhava o belo e o “contemplava” de uma maneira que não era pela via do compartilhamento. Percebeu que, quando entendia o belo como algo estático, deixava de olhar para as práticas, para as instituições, para as lógicas – não se percebia sobreimplicada.

– *Ora, ora, a narrativa é a própria beleza, porque é um compartilhamento de experiências. É porque posso contar as experiências de trabalho que ele se faz belo – disse ela suspirando com gratidão enquanto ainda olhava seu rascunho.*

Iara estava grata pelos deslocamentos provocados por Amália nesses anos de formação acadêmica. Estava grata pelos pretextos de sua cúmplice e pelos tapas, ora de luvas, ora sem luvas, que fomentaram desterritorializações.

A palavra dá conta?

Narrativas escritas podem ser limitadas. Nunca é possível dar-se conta do cotidiano⁷² em algumas poucas folhas de papel. Mas algo se passa na escrita e na leitura de experiências compartilhadas e no modo de contar do narrador.

A palavra pode tentar dar conta de expressar as experiências, mas nada do que se possa dizer alude ao que sente o corpo da experiência. Mas não é isso que se deseja com a narrativa. Esta é já uma experiência no/com corpo, uma outra experiência, é sempre um começar de novo com outro corpo ou com mais corpo.

O ato da escrita-narrativa não tem um fim nem um começo, pois localiza-se entre. Assim, é possível dizer que escrever esteja relacionado de maneira fundamental com as linhas de fuga. Escrever é fazer traços⁷³: de personagens, de paisagens, de encontros... Escrever é um tornar-se alguma coisa, é um deslocar-se do que se é ao transbordar do corpo pelos dedos das mãos e lançar-se às singularidades que estão de passagem⁷⁴.

Nesse modo de pensar a escrita-narrativa, entende-se que a unidade básica é o agenciamento, e não a palavra. Agenciamento é uma relação de acoplamento, de articulação, um cofuncionamento, seja de sujeitos, de falas, de práticas, de momentos... O agenciamento é uma linha de encontro. Com isso, o verbo agenciar é estar no meio⁷⁵.

Escrever é escrever com agenciamentos, não com palavras. Não são os conceitos ou as ideias que concatenam o texto, mas os agenciamentos experimentados; os encontros de cofuncionamento. Dessa concatenação de agenciamentos, produz-se enunciados, sempre coletivos, de populações, multiplicidades, territórios, afetos e acontecimentos⁷⁶.

Desse modo, a escrita-narrativa que intentamos aqui situa-se longe da Ciência, pois as coisas mais difíceis escapam à toda Ciência⁷⁷. Entende-se Ciência com ‘c’ maiúsculo toda aquela forma de produção de conhecimento de cunho positivista.

⁷²PEZZATO&L'ABBATE, 2011.

⁷³ DELEUZE, 1998.

⁷⁴ DELEUZE, 1998.

⁷⁵ DELEUZE, 1998.

⁷⁶ DELEUZE, 1998.

⁷⁷ MÃE, 2017.

O positivismo foi muito mais que uma corrente filosófica que surgiu no século XIX, que concebia o conhecimento puro e objetivo como sua principal ferramenta para desvendar as verdades do mundo⁷⁸ de maneira única e verdadeira. Tem-se, assim, a produção da ideia de Ciência como o único conhecimento legítimo em desvendar os mistérios da natureza e da humanidade.

Foucault⁷⁹ discutiu a História da Ciência colocando em xeque o termo, entendendo que nunca se trata de uma ciência única e verdadeira universalmente, mas de ‘ciências’, uma vez que cada tempo e localidade possui seus saberes e modos de racionalidade. Com isso, até mesmo a História perde seu ‘h’ maiúsculo, pois se entende que não há uma única história, uma história acabada, uma história linear.

Em nome de um conhecimento verdadeiro, a Ciência – com ‘c’ maiúsculo e no singular, se tratando daquela hegemônica – procura depurar, hierarquizar e ordenar qualquer conteúdo em instâncias teóricas unitárias. Essa Ciência faz calar os saberes locais, desqualificando-os por meio da não legitimidade de suas produções, que têm caráter discursivo sem a intenção de serem generalizantes e produtoras de verdades universais. Foucault⁸⁰ entende esses saberes como sujeitados, visto estarem abaixo na hierarquia científica. Mais precisamente, ele os denomina como saberes das pessoas: são locais e situados, diversos e múltiplos.

Uma insurreição desses saberes travaria um embate a esse modo científico hegemônico, contrariando os efeitos de poder centralizadores dos discursos científicos⁸¹. Pode-se assim dizer que essa insurreição se trataria de uma anticiência, na qual coloca-se em xeque as verdades e a hierarquização próprias da Ciência. Entender essa anticiência como a insurreição dos saberes menores é imprescindível, pois sua principal luta é contra a hegemonia, ou seja, trata-se da luta contra a dominação, a exploração e a mistificação.

Reproduzir os métodos e suceder os mesmos resultados comparados com pesquisas anteriores é o que legitima um saber-fazer Científico, de acordo com o paradigma positivista. Ouvir e narrar os saberes locais e singulares não permite uma reprodução dos métodos utilizados, muito menos a repetição dos resultados. Apostamos na escrita-narrativa como uma

⁷⁸ FERREIRA, 2007.

⁷⁹ FOUCAULT, 2005.

⁸⁰ FOUCAULT, 1979.

⁸¹ FOUCAULT, 1979.

metodologia outra, exatamente para fazer insurgir esses saberes e colocar em evidência a hegemonia científica existente ao abalá-la.

O rigor está em seguir as linhas de fuga, traçá-las através da escrita, usando os agenciamentos como elementos básicos para essa produção: produção de enunciados que permitem insurgir os saberes e fazeres locais, como as vivências narradas em cada cena.

Logo, tem-se uma escrita cartográfica, que tem como premissa a experimentação. Ao experimentar o trabalho no CRAS, experimenta-se modos de viver e de pensar a realidade, produzindo cartografias dinâmicas, sempre em (des)construção⁸².

Esta dissertação narrativa não traz nem começo nem final das histórias que narra. As histórias estão sendo feitas, são reinvenções da atualidade, e não um saber que responde a todos os problemas.

Estar no meio é estar sempre com o pé na estrada; o meio é o caminho. Caminho é puro durante, não se concebe começo nem final, pois não seria mais caminho; ele só existe como meio⁸³. Com isso, ser pesquisadora é trilhar um caminho, entendendo que a pesquisa valoriza certo campo, certos atores, certas realidades e concomitantemente os abala.

Ética como um modo de ativismo

Para encurtamento da história, máquina de guerra é o processo de desterritorialização; é um nomadismo⁸⁴. Nesta dissertação, há constantes desterritorializações em ato, que assim puderam ser sentidos com o recurso da narrativa.

Deleuze⁸⁵ diz que máquinas de guerras não têm história; os nômades não têm história. O que eles têm é compartilhamento de saberes, é geografia. Logo, a narrativa é o exercício de coletivização dos saberes e fazeres. É possível arriscar dizer que nômades são excelentes narradores; muito mais que Iara. De todo modo, esta personagem ousou narrar a fim de apresentar Amália também como máquina de guerra. Tal apresentação acaba denunciando as tantas outras máquinas de guerra que não têm seus processos de perseguição das linhas de

⁸² DE BARROS & KASTRUP, 2009.

⁸³ DELEUZE, 1998.

⁸⁴ DELEUZE & GUATTARI, 2012.

⁸⁵ DELEUZE & GUATTARI, 2012.

fugas contadas aqui. “O grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma”⁸⁶.

Uma máquina de guerra não precisa de história para ser legitimada; os próprios equívocos, os problemas que ela suscita já a legitimam. Por que, então, narrar? Por que compartilhar esse saber numa dissertação de mestrado?

Resposta: tentativa de aviso de sua existência para aqueles que ainda não a conhecem por esses termos; tentativa de indicar tantas outras máquinas de guerra que tem se levantado em nosso país, como “Marielle presente”, que foi morta enquanto trabalhava – outra mulher trabalhadora, como Amália, como Iara, como Rita e as técnicas do CRAS. Tal máquina “Marielle presente”, assim como Amália, irrompe, surge, brota num caos a fim de produzir vida e lutar contra as forças de captura do Estado.

Essa luta contra as forças de captura se faz à medida em que se analisa as implicações, acessando a dimensão instituinte das *formas* que são apresentadas como naturais, dadas. Lutar contra o Estado, conjurá-lo, é estar aberto às *trans-forma-ções*, que são inventadas sem a garantida de serem um “melhor” absoluto. São *trans-forma-ções* sempre provisórias. Por isso, cada época inventa suas glórias e seus tormentos, necessitando de um ativismo que seja crítico, questionador, analisando suas próprias cegueiras⁸⁷, isto é, analisando suas próprias sobreimplicações. Somente a ética, isto é, um exercício de pensamento, seria capaz de fomentar uma irrupção de máquina de guerra que impulsionaria a invenção de experiências de liberdade⁸⁸.

Pode parecer uma narrativa que apenas conta de Iara e de Amália, mas, trata-se de acusar a existência e o trabalho de outros personagens que se legitimam no caos, criando armas de guerra contra todas as capturas.

“Marielle presente”, Amália e tantas outras podem não compor os livros de história no futuro, mas isso não nega a força e potência de criação que tais máquinas despertam e arrancam os sujeitos de suas categorias definidoras e os lançam também ao caos para

⁸⁶ DELEUZE, 1998.

⁸⁷ MACHADO, 1999.

⁸⁸ MACHADO, 1999.

produzirem novas vidas; maneiras outras de viver e de habitar suas existências, analisando as implicações. Isso é produção de ética.

Uma desconfissão

Sou Iara. Arrisquei-me escritora numa tentativa de narrar as experiências vividas como experiências de trabalho. Pode ficar confuso para as leitoras e os leitores, mas os convido a esse exercício de perceber a Amália como um povo, e não uma pesquisadora e nem como uma técnica do CRAS. Amália passa por mim; passa por vocês também. Arrisco-me a denominá-la como a própria ética: ela instiga o pensamento.

Amália passa por você leitora que se vê trabalhadora, estudante de graduação ou recém-formada, pesquisadora que enfrenta os desafios do pesquisar fora dos padrões positivistas, que prezam por uma generalização e universalização dos métodos e dos resultados, que pregam por uma neutralidade do pesquisador e suas ferramentas.

Podemos experimentar Amália; ela está aí, percorrendo as linhas de fuga presentes na realidade. Ela é um devir. Devir é um vir a ser sabendo que nunca plenamente se será; devir é jamais imitar. Não é também um vir a ser outro, mas é o encontro com esse outro. Devir são os atos contidos numa vida, que é constituída por encontros, ou núpcias. Nas núpcias não se tem dois; não se tem um e outro; tem-se um encontro; um meio ou um interstício⁸⁹. No devir não há passado nem futuro, pois não há um ponto de começo para se partir, nem um ponto de chegada: no devir não há separação, dicotomia – é uma núpcia. O devir é o entre... é como a grama: que brota *entre* as outras coisas; o devir é um transbordamento⁹⁰.

Chamei de Amália esse devir que nos irrompe no trabalhar, que irrompe numa núpcia com o trabalho, a exercitar o pensamento, produzindo liberdade. É claro que a tentativa de dar nome próprio àquilo que não se nomeia é uma tentativa para lá de arriscada. Mas ainda sou regida pela Ciência da Linguagem, ainda uso as palavras como ferramentas e unidades básica para me fazer entendível. Contudo, essa ciência capturante pode ser sabotada com o auxílio da narrativa, dos instrumentos de análise que são os conceitos, para poder contar desse devir que foi produzido neste trabalho, um devir-amália.

⁸⁹ DELEUZE, 1992.

⁹⁰ DELEUZE, 1992.

Devir-amália: o experimentemos, pois. A produção desta narrativa é um dedinho de intuição de que há um devir-amália em nós constantemente: na Rita, na Luísa, na Maria Elisa, na Teresa, na Mary, na Alice, na Odina, no Raimundo... e ela não pede passagem. Ela é a passagem. Somos a todo tempo capturadas enquanto pesquisadoras, psicólogas, assistentes sociais, professoras, no nosso trabalho. Mas Amália está ali, presente nas linhas de fuga, abrindo desvios para desautomatizar o trabalho, para os conflitos potentes cheios de debates e trocas, para um respirar fundo e seguir em frente.

Amália não sou eu e nem você, mas ela passa por nós, *entre* nós. Às vezes atrapalhamos essa passagem. E se muito atrapalhamos, mais somos machucados e quebrados pela sua passagem. Podemos sofrer com esses machucados, mas sem eles não temos o novo, a diferença.

Saio ferida, com muitas marcas deste trabalho que foi ser uma escritora de narrativas. Algumas já são cicatrizes, provando que há muito tempo Amália já vinha passando, mas eu a repelia, lutava contra suas desterritorializações. Eu projetava a pesquisa e ela equivocava todas as minhas tentativas de pesquisar o trabalho no CRAS. Mas a cada encontro de orientação, a cada encontro com as técnicas, ela resistia e insistia – tal insistência foi o que permitiu um olhar em direção ao trabalho, olhar esse que a cada resistência fazia perceber o trabalho como exercício de liberdade.

Li uma vez que “a trajetória do pesquisador orienta-se muito mais em conjunto com as pistas que emergem dos processos que são acompanhados”⁹¹. Quando li esse trecho, senti que era sim por uma obrigação que eu pesquisava. Era um sacrifício matinal levantar da cama para estar no CRAS. Mas, assim o era, porque não era eu a pesquisadora, mas sim Amália. Era ela quem gritava em mim dizendo: “*vamos lá , temos que seguir*”.

Ouvi, outra vez, uma fala de Fuganti afirmando que o desejo é quem é o cartógrafo, somos apenas seus aprendizes. Se isso for verdade, eu fui uma péssima aprendiz, porque muitas vezes tentei calar Amália e sua insistência, atrasando minhas entregas de textos, adiando idas ao CRAS, entre outras formas de escapar de qualquer deslocamento do meu lugar confortável de estudante – quando este ainda não era por mim compreendido também como *trabalho*.

⁹¹ SUIM & TAVARES, 2017.

Eu me lembro bem de como constantemente eu queria fazer Amália sumir, pois ela era imprevisível. É disso que se trata um devir-amália: trata-se de um lance imprevisível; não sabemos no que vai dar nem quais sentidos serão produzidos. Amália não espera nada do mundo ou dos mundos do trabalho. Ela os lança e depois pergunta: tem algum uso? Se sim, amém. Se não, recomeçamos o trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABBES, C.E.B.N. e COIMBRA, C. M.B. Potentes misturas, estranhas poeiras: desassossegos de uma pesquisa. In: NASCIMENTO, M.L. **PIVETES** : A produção de infâncias desiguais. Rio de Janeiro: Oficina do Autor/ Intertexto, 2002.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Ed: Record, 1996.
- BARROS, R.D.B. Grupos: a afirmação de um simulacro, São Paulo, Tese de doutorado em Psicologia Clínica, PUC, 1994.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social – NOB-RH/SUAS**. Brasília (DF), 2006.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social PNAS/2004. Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**. Brasília (DF), novembro de 2005.
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Livia do. Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político. **Práticas PSI inventando a vida**, p. 27-38, 2007.
- DE BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- DELEUZE, G. **A lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 5 ed, 2015.
- _____. **Conversações**. Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, **2012**.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. 1998.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos II**. Arqueologia das ciências e histórias dos sistemas de pensamento. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **Microfísica do poder**. 22 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FUGANTI, Luiz. A ética como potência e a moral como servidão. **São Paulo**, 2001.

GONTIJO, Eduardo Dias. Os termos 'Ética' e 'Moral'. **Mental**, v. 4, n. 7, p. 127-135, 2006.

HALL, Gabriela Girardi; AMADOR, Fernanda Spanier. Atividade e criação: a política de assistência social em permanente (re)construção pela análise micropolítica do trabalho. **Psicologia em Revista**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 500-517, dez. 2017.

HOLZ, Edvalter Becker; DE FÁTIMA BIANCO, Mônica. Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 12, p. 494-512, 2014.

LOURAU, R. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**, Rio de Janeiro: UERJ, 1993

MACHADO, Leila Domingues. Ética. **Psicologia: questões contemporâneas**. Vitória: EDUFES, p. 145-162, 1999.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

PASSOS, Eduardo et al. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. 2010.

PEZZATO, Luciane M.; L'ABBATE, Solange. O uso de diários como ferramenta de intervenção da Análise Institucional: potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 21, p. 1297-1314, 2011.

RAICHELIS, R. Intervenção Profissional do Assistente Social e as Condições de Trabalho no SUAS. **Serviço Social & Sociedade**, v. 104, p. 750-772, 2010.

ROCHA, Jerusa Machado. A constituição do si na multiplicidade afeto-cognitiva. **Mnemosine**, v. 2, n. 1, 2006.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 7, 2014.

SCHWARTZ, Y. Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industriosa. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 33-35, 2004.

____. Intervenção, experiência e produção de saberes. *Serviço Social e Saúde*, v. 10, n. 2, p. 19-43, 2011.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. Conversa entre Yves Schwartz, Marcelle Duc e Louis Durrive. Tradução. Ana Heckert e Maria Elisabeth B. de Barros. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho & ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Coordenação da tradução e revisão técnica de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: EdUFF, p. 191-223, 2007.

SUIM, Rayanne; TAVARES, Gilead Marchezi. **Juventude e risco**: abrindo a sede ao meio no deserto das práticas de Assistência Social. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

VAZ, Paulo. **Um pensamento infame: história e liberdade em Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

VINCENTINO, Cláudio. **História geral**. São Paulo: Scipione, 2002.

WHITE, Ellen G. **O Grande Conflito**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora Responsável: Abigail Marinho da Silva - Psicóloga e Mestranda do PPGPSI/UFES

Contato: (27) 996419497/ conteudomestrado@gmail.com

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “DESTERRITORIALIZAÇÕES DO/NO TRABALHO: UMA NARRATIVA DE UMA TRABALHADORA EM DEVIR”, que tem como objetivo conhecer e entender a atividade de trabalho dos técnicos que tem se efetivado no CRAS no tocante ao acolhimento, vínculo, protagonismo pelo viés da Ergologia. Convidamos você a participar, pois acreditamos que seu relato, por meio de entrevistas semi-estruturadas e grupo focal, pode contribuir na produção de novos saberes científicos a respeito do fazer técnico efetivado na Proteção Básica da Assistência Social.

Como será feita a pesquisa? Você participará da pesquisa por meio de entrevistas individuais e grupo focal. As entrevistas serão gravadas, depois transcritas pela pesquisadora. Elas acontecerão no CRAS, com duração aproximada de 1 hora, tanto as individuais, quanto o grupo focal. Você terá acesso ao material gravado sempre que quiser, bem como ao material que for realizado pela pesquisadora.

Quais os benefícios quanto à realização dessa pesquisa? Os possíveis benefícios na participação desta pesquisa: ao participante, um momento de análise de seu fazer no tocante ao trabalho; à sociedade, uma visibilidade do território atendido pelo CRAS pesquisado no meio acadêmico; à comunidade científica, mais estudos acerca da temática de trabalho.

Quais são os seus direitos? É você quem decide sobre a participação nessa pesquisa. Só participará se quiser. Se decidir não participar da pesquisa, é seu direito e nada ocorrerá. Pode perguntar agora ou depois sobre dúvidas quanto à pesquisa. Sua participação não deverá provocar riscos à sua saúde física e mental. O roteiro das entrevistas e esse termo foram pensados com vistas a não produzir riscos a você no decorrer da pesquisa. Você não deverá, mesmo assim, responder ou fazer qualquer coisa que avalie o coloque em risco. Caso avalie que haja riscos em sua participação sinta-se à vontade para interrompê-la. Esteja particularmente ciente que nada do que você disser aqui será informado ao seu chefe ou qualquer outra pessoa dessa organização sem que você permita. Haverá garantia de sigilo, de privacidade, de retirada do consentimento em qualquer fase da pesquisa, de ressarcimentos das despesas com a participação na pesquisa, e de indenização em caso de eventual dano dela decorrente. O termo será redigido em duas vias, você receberá uma delas assinada e rubricada em todas as suas páginas por você e pela pesquisadora.

Outras dúvidas: Saiba que o sigilo de tudo o que conversarmos será mantido. Para divulgar os resultados, saiba que a pesquisadora usará nomes que não são verdadeiros, para que não seja possível você ser reconhecido.

Em caso de denúncia ou intercorrências você poderá, também, acionar o CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.

Contato: (27) 3145-9820 / E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Fui esclarecido(a) de que o estudo segue padrões éticos, sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos e que não se propõe a apresentar riscos para os participantes, além de manter o completo sigilo das informações coletadas. Mas, em caso de risco (constrangimento ao falar, ou qualquer outro), a minha participação poderá ser interrompida por mim. Estou ciente dos procedimentos, que será realizada uma entrevista individual e grupo focal que serão gravados em áudio, após a minha autorização mediante a assinatura deste documento. Fui informado(a) ainda, de que os resultados da pesquisa serão divulgados em dissertação, em congressos e periódicos especializados, contribuindo, assim, para a ampliação do conhecimento a respeito do tema investigado. Estou ciente, por fim, da liberdade e do direito de poder desistir de participar da pesquisa, a qualquer momento, sem prejuízo ou risco de sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. E que se o fizer posso acionar o Comitê de Ética em Pesquisa, caso avalie enquanto necessário.

Concordam com a realização da pesquisa descrita nesse documento, conforme os termos nele estipulados.

Participante

Abigail Marinho da Silva
(Pesquisadora Responsável)

Vitória, ____ de _____ de 2018.